



Universidade Federal  
de Campina Grande



Números:

Janeiro 1930

Cajazeiras  
2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
Centro de Formação Profissional - CFP  
BIBLIOTECA  
CAMPUS V - 58060 - CAJAZEIRAS - PARAÍBA

# FLOR DE LIZ

- 1930 -

Nº 1 - JANEIRO

Nº 2 - FEVEREIRO

Nº 3 - MARÇO

Nº 4 e 5 - ABRIL E MAIO

simeis e contrastante metaphysica — e evolue pelo cerebro e pelo coração. Pelo cerebro não só com a accumulação de conhecimentos utiles ao proprio bem estar e commodidade, mas tambem com o aperfeiçoamento do senso esthetic, elemento indispensavel á integração do homem na sua verdadeira finalidade. Pelo coração — á margem o lado scientifico — com o desabrochar de sentimentos bons de piedade e amor ao proximo, sentimentos que põem o homem em contacto mais intimo com o Creador e as demais criaturas. Os escravos se têm emancipado por força dessa evolução, sem luctas importantes ou empenhos de vulto levantados pela propria classe.

Com os povos tem-se dado o contrario. Estes é que, arrastados pela intolerancia dos governos, em assomos de reacção menos psychologica que biologica, se levantam contra os seus usurpadores, reconquistando pela força o que lhes foi negado pelo direito!

#### E a mulher?

Mais que os escravos e mais que as nações, ella teve a intuição exacta do seu papel na luta. Conscia do que de artístico e terno nella se contem, esperou a evolução do homem, como o botão aguarda o orvalho da noite para desabrochar sorrindo. Na campanha empregou a arma de que dispunha: a beleza da expressão, a ternura do gesto, a bondade das acções, o desvénio do tratamento, a solicitude no sacrificio, essas mil maneiras de prender, que são um segredo da mulher e a couraça de protecção de sua propria fraqueza. E não ficou ahí em originalidade. Os demais emancipados, quando não cortam o pescoço aos seus algozes, homenageiam-os com o mais candente dos desprezos. A mulher não. Haverá originalidade maior?

Agora uma questão. A mulher, ascendendo ás alturas em que paira, pode ser equiparada ao homem em força intellectiva e aptidões para os misteres ordinarios da vida?

Há quem negue, egoisticamente.

Sob nenhum outro aspecto o egoísmo do homem me parece tão irritante e até ridículo como sob este. Lembrá-me o vencido que, faltó de nobreza para o reconhecimento da propria derrota, olha por cima do ombro o vencedor.

Sou pela igualdade da mulher. No exercicio das funções peculiares a cada sexo, a mulher é tão util á sociedade quanto o homem e tão apta quanto elle. Mas não é só a esse círculo de actividades que se limitam as aptidões da mulher. Vejo-a em tudo equiparar-se ao homem. Tanto quanto elle possue a mulher inteligência lucida e activa, memoria efficiaz, assimilação rapida, raciocínio prompto, imaginação fecunda. Tanto quanto elle a mulher observa, indaga, formula hypotheses, comprova, tria, afinal, e se nô estylo perde, ás vezes em vehemencia e audacia, ganha em doccia e nobilidade. O facto de haver entre as civilizações numero menor de nomes femininos explica-se pela diversidade de ambiente em que a mulher se educa. Dê-se à mulher

instrucción nos moldes da ministrada ao homem e veremos.

E se intellectualmente a mulher está ao nível do homem, em outros campos de actividade essa equivalencia resalta melhor á vista de todos.

A Grande Guerra teve, entre outras utilidades, esta: levando o homem ao fronte e ampliando desmedidamente a esphera de accão da mulher, dar oportunidade á maior demonstração de resistencia physica e moral de que é capaz um sexo que se diz fraco. Na agricultura e no commercio, nas fabricas e nas trincheiras, onde quer que tenha faltado o braço masculino, multiplicando-se em trabalho e heroísmo, apareceu a mulher. E essa demonstração lhe tem servido de escudo na vida. Pois, o que vemos hoje? A mulher luctando ao lado do homem, no lar, se fôr preciso estar no lar, fóra delle, se isto aconselharem as circunstancias.

E aos que não apoiarem estas idéas, pergunto eu: Porque será que a mulher, em tão exiguo periodo de provas, já conta com o seu bocadinho de preferencia no seio dynamico do mundo industrial e mercantil?

Sejamos menos egoistas e dêmos a Cesar o que é de Cesar.

Ha ainda um outro aspecto da questão que acho inopportuno abordar aqui: é a sua feição meramente politica. Pode susceptibilizar. As mulheres, em geral, já têm idéas assentadas a este respeito e sei, por experiência, que não lhes agradará uma possível contradita. Entretanto, quanto a nós e attendendo a situação politico-financeira que atravessamos, possuíssem as brasileiras um pouquinho mais de cultura, eu não hesitaria em mandal-as para as urnas e para o parlamento, na esperança de ver salvo o regimen. Quando mais não seja, as nossas patricias conservam ainda intacto o seu patrimonio inalienavel de honestidade e brio, virtudes de que já perdeu a noção a maioria dos politicos militantes do paiz.

#### E o terceiro periodo?

E, sobretudo, aqui que está o pittoresco do meu methodo. Não occupa elle, como os antecedentes, logar no tempo e no espaço e com elles anda de mistura. Não teve corpo já-mais. E' puramente subjectivo. Não existe senão na cabeça das mulheres. Forma se como a illuminação ondeante dos pyrilampos, na noite densa—de scintillações ephemeras. E tem o seu imperio nas horas de toilette, quando, deante da fidelidade dos crystaes polidos, embriagadas pelos proprios encantos, contemplando a expressão de um sorriso que esvoaça, as mulheres atram na ponta dos labios um muchacho para os homens.

Não é isto verdade?

Não neguem.

As minhas amiguinhas todas já tiveram momentos de exaltação psychica em que se sentiram superiores aos homens!

Insistem, de irrelaxão, mas tiveram!

# Morrer... vivendo

ALVARO GUERRA

Naquele dia levava eu comigo, a passeio, uma de minhas amigas, ia sahindo do carro, quando da estação, atentosá e solícita, uma senhora para mim desconhecida me ajudou a descer a quererita. Agradece-lhe a gentileza e, porque ella, muito bondosa, insistisse em fazer-me festejo à menina, perguntei-lhe se conhecia, acaso, a mãe daquela criança.

— Repetiu-me que não. E ac-  
respondeu:

— Só o senhor.

— Ah! — interrogou sur-

— Sábio senhor! De certo já  
não se lembra da V. C. E tem  
razão! Vou-me ainda tão peque-  
no, que me invadia.

**—A senhora? | Viva-pequena**

—É verdade.  
—Mas onde? Em que logar?  
—Em sua terra. Também seu  
irmão disse. Há apenas cinco  
muitos dias morreu naquela ledo-

É ele que norte com uma se-  
mira leva despeito se, dizen-

Os passageiros agglomerados na véspera começaram a esperar os passos, ruas, silêncios do dia. Certo dia, talvez o seu dia, é o dia também, caminhando no regresso, a passos lemos, para cima rumo à guarda-sol a sombra que se estende com amarelo.

— Obrigado! apparecidamente  
que o que é que devo-me que  
fazer? — perguntou o homem, creiam,  
que se sentiu sériamente du-  
vidar da hora em que ali estive.  
— Olha, meu velho! — dialogava  
entre si mesmas bocas. Conve-  
niente que a pessoa alme-  
da seja sólida. Queira sen-

E, por mais tratos que infligisse á memoria, não conseguia lembrar-me

Na volta, ao entrar para o carro, dei de novo com a minha conhecida... Aproximei-me então de sua poltrona e, mui respeitoso, tracei palestra com a jovem itinerante, enquanto a locomotiva, resfolegando, começava a rodar vagarosamente.

— Parece, minha senhora...

- O senhor é que quasi não mudou. Só tem de mais a barba.

E convidou-me que viera para São Paulo em 1892.

—Foi nesse anno—explicou-

me — que meu pae trouxe a familia cá "para cima".  
Então eu, confundido, atalhei:  
— Exactamente. Recordo-nos  
Seu pae morou aqui algum tempo. Depois, fui para o Oeste.  
Comprou lá uma fazenda... Não

Ela sorriu-se com tristeza e replicou-me:

— Não, senhor. Meu pae foi,  
mas, para o outro mundo.  
E como a resposta me des-  
pertou, prosseguiu:

— O senhor está confundido. Refere-se talvez a outro fazendeiro de nome quasi igual ao da meu pae. Lembre-se de que a primeira vez que me viu foi em casa de minha avó e que papae, ali, era conhecido por certo appellido familiar E' ci- tou-me o appellido.

Reconcentrei-me alguns momentos com o queixo apoiado ao cabo do guarda-sol. Estive assim silencioso, a reflectir, muito tempo. Afinal, por um esforço supremo de memória, lez-se-me a luz no espírito!

111

De fato, aquela senhora tão pobretinha vestida, mas digna esposa de um operário casada

senhora ainda tão jovem, mas que, pelo olhar maguado, embora intelligente e vivido, já parecia ter sofrido muito; aquela senhora, de quem eu me esquecera por completo... vi-a menina ainda ou, a bem dizer, "menina e moça"! Vi-a sim, em casa da avó, por uma tempestuosa tarde de agosto, em que, colhido em viagem por violenta chuva, tive de ir bater áquelle sumptuoso solar, para pedir abrigo por uma noite. Effectivamente, lá pernoitei, e lá passei o dia seguinte.

E que bem me tratou a boa velhinha! E que rica era mesmo a sua fazenda! Edifício vasto, num alio; decoração brilhante, luxuosa; mobília finíssima de cunho heraldico; pinturesco jardim na frente, povoado de estatuas brancas, — nisonhas circumspectas na sua vida de mai-mores.

E o anjo tutelar daquella vila campestre, a bemfazeja fada de tal paraíso, o ídolo ali mais adorado, era exactamente aquella jovem, agora tão humilde, tão modesta, tão pobremente vestida!

E fiquei triste alguns instantes. Não pelas revira-voltas que o mundo dá, mas —vejam bem! —pelo meu singular desmemoriamento.

Como foi que do cerebro se me apagaram aquellas recordações? Como ficaram tanto tempo mortas?

Decididamente, meus amigos, o homem vai morrendo aos poucos. Essa perda parcial da memória é, devêras, uma espécie de morte em vida.

*Esquecer-sa—é, morrer... vi-  
mento.*

**OS  
VERSOS  
DE  
MINHA  
MÃE**

Colégio Diocesano  
Padre Polido  
Inq. na Lei de D. e B. P. Ld. N.  
CAJAZEIRAS  
EST. DA PARÁIA



LUIZ  
DE  
ANDRADE

I

"—Sê sempre bom, meu filho! —" tu dizias  
alisando-me o rosto de creança,  
e com essa voz de santa, ungida e mansa,  
me acalentavas e me adormecias.

Toda a Fé que me punhas na lembrança  
para futuras horas mais sombrias,  
fugiu na successão das agonias,  
de anseios, tédios, spleen, desesperança . . .

"—Sê bom. Estuda. Forma tua vida  
pela moralidade mais austera,  
como a da vida toda de teu pae —"

Oh! Mãe! De tanta coisa commovida,  
nada minora a maldição severa  
de ser quem sou que sobre mim recae.

II

Num sabbado de doze de janeiro  
aos santos oleos do rosal poente,  
tu, oh! mãe, lirio santo, docemente  
morreste, como um lirio em seu canteiro.

Lembro-me bem: meu pae, no desespero  
brutal da confusão mais inclemente,  
levou-me a dar o beijo derradeiro  
na que a morte fizera eterna-ausente.

Beijei-se a face fria e o olhar vidrado,  
enquanto o sino máo do Amparo, ao lado,  
embalava o teu sonno redemptor.

Passaram dias e correram annos,  
e todos meus aziagos desenganos  
são apenas a sombra dessa dor.

III

Chove tanto, mãesinha, chove tanto  
no silencio da noite sem luar.  
E' o inverno que vem, lívido e em pranto,  
sua tristeza á minha dor casar.

E nessas horas eu te chamo, enquanto  
me dominando para não chorar,  
quero acolher-me sob o doce manto  
de teu profundo e luminoso olhar.

E' o triste inverno de minh'alma. Agora,  
a amargura infinita me devora  
de sentir-me tão só nessa algidez.

Oh! Tex Filho, mãesinha, está doente:  
dá-me conforto ao coração fremente,  
leva-o consigo, mata-o de uma vez.

# MENORES delinquentes

O Dec. Est. n. 1606 de Novembro de 1929 vem de pôr em execução a lei n. 635 de 4 de Dezembro de 1926, creando para o fim destinado o Centro Agrícola de Pindobal, com sede na propriedade desse nome pertencente ao Estado e sita no município de Mamanguape.

Não se pode negar a benemerencia desse acto do estadista insigne que superiomente dirige os nossos destinos, e, nem me eu posso furar a promessa que há mezes, voluntariamente deixei na imprensa local, de tratar na parca medida das minhas forças intelectuaes, de assuntos que se relacionassem com a educação e ensino.

Na teoria do dolo assenta a imputabilidade criminal do menor que delinque. Crime, define o nosso legislador: é a violação imputável e culposa da lei penal." Entretanto, os arts. 24, 27, 32, 35 do Código, retiram a possibilidade do delinquente. Em se tratando de menores dispõe o art. 27.—Não são criminosos:

S 1º—os menores de 9 anos completos.

S 2º—Os maiores de 9 anos e menores de 14, que obrarem sem discernimento.

Vê-se pelo próprio texto da lei que os menores escapam a penalidade quando delinquentes de nove anos completos, e, maiores desse número e menores de 14, quando obrarem sem discernimento.

Andou com logica e razão o legislador. A criança não tem ainda o carácter formado, é um producto do meio em que vive, deste recebendo influências diversas, sem ter assentado ainda os seus pêndores, inclinando-se sempre para a maior atracção; assemelha-se à ave que ao sahir do ninho ensaia o primeirão vôo e, se bem sucedida, galga as frondes, os sinos, senão, desce e cae no charco. Quando os pais não as educam convenientemente e nem as guiam pelo trabalho, caminho seguro da vida, degeneram e quando menos dão para vagabundos. E, ha tantas crianças desamparadas! Umas que não conhecem pais, outras que se os têm, é como se não os tivessem.

Pela remediar tão feio mal, a Paraíba orgulha-se de poder contar com a Escola de Pindobal, para execução da lei acima, assim concebida:

Art. 1º—Fica o governo autorizado a considerar projeto para a instalação de uma Es-

cola de Preservação e de Reforma, destinada para menores abandonados e delinquentes.

Art. 2º—A Escola compor-se-á de duas divisões, uma masculina e outra feminina, ambas sub-dividir-se-ão em secções de abandonados e delinquentes; os menores serão divididos em turmas, conforme o motivo do recolhimento, sua idade, observadas as disposições dos decretos ns. 16.272, de 20 de dezembro de 1923 e 16.388, de 27 de fevereiro de 1924.

Art. 3º—A Escola de Preservação é destinada a dar noções de educação física e moral, profissional aos menores, que a elle forem recolhidas, por ordem do juiz competente.

S único—Não serão recolhidos a este departamento da Escola de menores com a idade inferior de 7 anos nem excedentes a 18.

Art. 4º—A Escola de Reforma, que se subordinará á Escola de Preservação e lhe fica annexa, destina-se a regenerar pelo trabalho, educação e instrução, os menores de mais de 14 anos e menos de 18 que forem julgados pelo juiz de menores, e por este mandados internar.

Art. 5º—Aos menores serão ministrados exercícios de leitura, escripta e contas, lições de cousas e desenho.

S 1º—Haverá na Escola, para menores do sexo masculino, aprendizes de sapataria, marcenaria, serralheria e outros.

S 2º—Os menores praticarão a cultura de hortaliça e pequenos outros trabalhos de agricultura, a juizo da direcção da Escola.

Art. 6º—A's menores serão ensinados os seguintes officios: lavagem de roupas, engomagem, cosinha, manufatura de chapéos, jardinagem, horticultura, pomicultura e criação de aves e abelhas.

Art. 7º—Para a manutenção da Escola poderá o governo entrar em acordo com as prefeituras da capital e do interior, que contribuirão com importância computável ás suas possibilidades orçamentarias, destinadas áquelle fim, ao mesmo tempo que diligenciará junto ao governo federal para o conseguimento de uma subvenção.

Art. 8º—O pessoal administrativo será composto de um director, um professor-escripário, uma professora que ensine, simultaneamente, primeiras letras e trabalhos manuais, dois guardas, uma inspectora-enfermeira e um porteiro.

Art. 9º — Será diretor pessoa idonea a critério do sr. Presidente do Estado.

Art. 9º — O governo baixará o respectivo regulamento, para fiel execução desta lei.

Art. 10º — Revogam-se as disposições em contrário.

Não se diga agora que Cajazeiras não precisa de uma destas escolas. Precisa e muito. Superabundam pelas suas ruas grande numero de crianças pobres, sem um roteiro a seguir, indolentes e fânticos, frequentando de preferencia as casas de diversões, os cafés, estabelecendo lugares duvidosos e mais tarde viciados completamente.

São forças desaproveitadas, energias perdidas se os poderes competentes não as amparassem, não as protegem por meio do ensino profissional, desanalphabetizando-as obrigatoriamente.

Umos que os menores de nove annos escapam á penalidade e isto é logico e significativo. A criança não tem noção de sua responsabilidade, suas faculdades ainda mal desenvolvidas lhe deixam a salvo da imputabilidade criminal. Além disso o carcere seria para elle um lugar de maior corrupção, ao entrar de corrígila, o que não se dá com o maior que já tem o seu espirito formado, cuja indole em muitas vezes o torna pernicioso ao seu semelhante e urge afastal-o da sociedade para sempre. Tomemos para exemplo Antonio Silvino. quem já pensou na sua regeneração, de bandoleiro que foi passar a um cidadão morigerado de costumes?

Dahl a conclusão de que o carcere em tais casos é mais uma preservação da sociedade do que a reabilitação de um individuo. Se este, de carácter formado habituou se á prática do crime, com predominantes morbidas, já perdeu a intuição do dever, a noção do trabalho, e, só por excepção, poderá voltar a ser útil á sociedade.

Mas, não nos afastemos da objectividade, porque nos dá o exemplo o sr. Presidente do Estado nessa obra humanitária e patriótica que criou a Escola de Pindobal. Diziamos atraç que Cajazeiras tinha necessidade de um desses estabelecimentos e que havia crianças desoccupadas, de cujo futuro ninguém cuidava e, se ia alli uma parcella de vitalidade na grandeza da Patria

Saberemos agora se existem delinquentes dessa idade. Tivemos um caso sui generis ess'outro dia alli na Rodagem. Duas senhorinhas desabuzadas depois de espancarem barbaramente a pobre velha Josepha Cururu, quasi que a esganaram por lhes devolver esta os epithetos deshonestos que lhe atiraram aquelas labidosas virginaças.

Aberto o inquérito declararam ser maiores de 9 annos e menores de 14. Seria preciso, então, um exame médico-judicial para se chegar ao conhecimento de que haviam obrado com descomunalidade. E, ainda no caso affirmado, pelo Juiz de Menores deviam ser im-

prisionados num estabelecimento disciplinario e nunca deixados em um carcere.

Um publicista citando o professor Borel diz que a infracção commetida pelo menor não é um delicto, não é o acto de um delinquente a punir; é a manifestação de um máo pendor a reformar, de uma fraqueza a reerguer, de uma ignorancia moral a esclarecer, de um alma, de um carácter, enfim, a formar para o bem. Os menores não devem sofrer punição pelos crimes que commetterem porque culpados não são elles e sim a sociedade que os priva dos meios de educação e do amparo a que elles têm direito, e os deixa em abandono, á mercê da negligencia, da ignorancia e dos maus exemplos dos paes. Tão sabia orientação assenta na idéa mesma da defesa social, que é o fim precípicio do direito repressivo".

Realizemos, pois, esse desideratum e verá a burguezia utilitarista que isso não representa apenas locubrações inopportunas de um esfeta, senão verdadeira obra de sociologia, a que não faltará com o seu apoio o magazine orientador da opinião católica feminina de Cajazeiras, vindo em abono de uma representante do bello sexo, a dra. Beatriz Sophia, a qual, na formosura de sua arte assim se expressa commentando o Código de Menores:

"Salvae a criança e não haverá mais um homem a corrigir."

Cajazeiras; 8—1—930.

J. B.

## A BIBLIA

«Biblia! só Biblia!» o pregador exclama no meio do sermão com voz potente.

«A Biblia, meus irmãos! Ella somente ha de guiar vos com divina chamma.

Não vos deixeis cair na velha trama dos romancistas. E' matreira gente que vos impinge tradição que mente. A Biblia! a Biblia só! de novo brama.

E eis a raça fanatica e ignorante que de Biblia na mão a Biblia prega. Cada um a seu modo, a seu falante.

E a quem os olhos abre inda mais céga. Forcando a Biblia de tal maneira que atribue a Jesus a propria asneira.

d'O LUTADOR

**H**A venenos terríveis que não perdoam sua vítima, e que, mesmo quando combatidos a tempo, deixam em seu organismo germens de implacável destruição.

O vício livre, pornographic, ou simplesmente indecente, possue igual grau de cobiçade sobre o alma do homem, e elle corrompe, desvirtua, envenena o coração mais puro, a natureza mais nobre, sã e digna.

# Notas Elegantes

ANIVERSARIOS—Fizeram anos:

Dia 1—mrs. Josepha Holland, esposa do dr. Antônio Holland, professora norueguesa e nossa correspondente em Conceição; nosso distinto conterrâneo sr. Alípio Beira, comerciante em Recife

Dia 1—o dr. Francisco Carneiro, fazendo seu novo mês, as senhorinhas Rita e Cecília Coelho no seu dia de casamento, da sociedade de Fortaleza e os srs. Emilia e Balthazar Meirelles, da sociedade de Luis Gomes



Sr. Conselheiro Vieira, mui digno vigário da Igreja Católica de Rocha, cujo aniversário passou a 13 do corrente

Dia 4—o interessante petiz Raphael Moreira.

Dia 5—o col. Joaquim Mendes Braga; o Dr. Camilo, esposo do sr. Manoel Luís de Oliveira, da S. Pedro do Cariry, Ceará.

Dia 7—a senhorinha Edith Leitão, da Rua 12 de Julho.

Dia 8—a senhorinha Loelinha, filha de sr. Joaquim Vieira e d. Francisca Meira.

Dia 10—o sr. Aluoro Marques, da firma de Marques & Filhos; a senhorinha Bento Góes, esposa da A. S. C. F.

Dia 11—a senhorinha professora Maria Paula, de São Paulo.

Dia 16—a senhorinha professora Honória Tavares, nossa Companheira.

Dia 18—d. Sinhasinha Matos, esposa do col. J. Matos.

Dia 24—o enlace matrimonial do sr. J. B. Viana com a sra. Nilce Viana.

Dia 27—a senhorinha Aracy Leile, da sociedade de Conceição, e o intelligente menino Bonifacio Coelho.

Dia 30—o casamento do sr. Thomé Mendes com a sra. Rosinha Tavares Mendes, esforçada secretaria da A. S. C. F.

Dia 31—a mimosa Dorinha, filha do sr. José Simphronio e d. Rita Coelho.

## NOIVADOS



O sr. Thomé Tavares, que noivou com a senhorinha Hermelinda Vieira no dia 1 do corrente, FLOR DE LIZ envia aos distintos noivos effusivos parabens

São noivos o sr. Fenelon Lima e a senhorinha Lectice Nunes, socia da A. S. C. F.

FLOR DE LIZ envia, embora tardivamente, sinceras felicitações,

De Bonito tiveram a gentileza de nos participar o seu noivado o sr. Antônio Pereira e a senhorinha Toinha Patitot.

Aos distintos noivos auguramos muitas felicidades.

Contractaram casamento em dias do mês passado o sr. Walmiro Nogueira e a senhorinha Tarquinia Albuquerque.

Nossos parabens.

## NASCIMENTO

Esta de parabens o lar do sr. José Pires e d. Linda Pires, nossa distinta companheira, com o nascimento de uma mimosa creançinha.

# Serenata

A noite calma e esiamonda, de uma bela serenata, corria em meio.

O firmamento ostentava scintillações ar-  
genteas e se assemelhava a um manto ceruleo  
que se estendia placidamente sobre a cidade  
acalmada. O céo era realmente um vapor éthe-  
reus de sáphiras e diamantes.

Scintilavam as lucidas estrellas enquanto  
Quânia rainha formosa, deslissava-se magis-  
cosa por entre aquellas, exalçando mais e mais  
o seu encanto.

O luar parecia falar ao meu coração con-  
torcendo-lhe as magras, numa linguagem doce  
e suave como a caricia de um beijo.

Luar unico confidente dos sonhos, esta-  
tica fico ante a tua sublimidade e quizera po-  
der entoar trovas de amor ao meu passado.

Não sei se sonho, mas quer me parecer  
que no sussurrar da brisa que levemente pas-  
sa ouço notas melodiosas entoadas, talvez, por  
Verdi ou Beethoven.

E quem melhor do que a musica saberá  
em noites como esta, penetrar discretamente  
em nosso íntimo, e ouvir os seus queixumes,  
enxugando-lhe o pranto?

Ah! não me havia enganado, ouço bem  
claro sons que se aproximam, tão melodiosos  
como o murmúrio de um regato e mais suave  
que um acorde da harpa de um seraphim

Segue-se um silêncio por alguns instantes...  
Ter-me ia enganado?

Não; ouço vozes, depois percebo bem dis-  
tinctamente sons de um violão, plangentes, os  
de uma flauta, languidos e os de um violino,  
saudosos... E logo após uma voz se fez ouvir:

"Nas dobras silentes  
Do véo do tempo  
O meu passado já se esvae,  
Já deciae  
E dores plangentes,  
Sonhos contempro  
Como chimeras a fugir  
Ideias a dormir"

Ahi e tudo nos parece triste, tristíssimo  
quando evocamos a lembrança de um passado  
já que se transcorreu tão subtil como a bri-  
sa, que nos acacia ligeiramente. A vida para  
uns é um lago sereno e para outros um mar  
tempestuoso.

Entretanto, é a esperança o único bem  
que resta àqueles que não possuem nem um  
outro, pois nem sempre elle enche o vacuo que  
se abre na nossa coraçao e vemo nos forca-  
dos a recorrer às ilusões para suavizarmos as  
duras realidades da vida.

Outras fantasias, chimeras mor-  
tempestuosas, que talvez pode ser evitadas  
no mundo. Que sorte de nós se encontra em

PARA MINHA IRMÃ "ALMA FLORA", NO DIA  
DE SEU ANNIVERSARIO, TODO O MEU AFFECTO

na da vida, vereda estreita e ingreme, fosse a-  
penas semeada pelos espinhos da saudade e  
desillusão!

E a voz continuou:

O' doces sonhos lindos,  
De minha tenra idade  
Meus sonhos infinados  
Minha mocidade."

Sonhos, doces sonhos de meus quinze  
anos!... Sonhos de outrora architectado sob  
a fulva areia do mar a soluçar em noites de  
luar, ideias que jazem eternamente victimas  
não só do furor insano de suas ondas, mas do  
punhal cruel que os feriu.

Tem bem razão quelle que diz que todos  
os nossos prazeres veem dos nossos prazeres.  
E não queremos crer que o prazer nos vem  
sempre em sonho e a dor em realidade. As il-  
lusões tambem nos falam em goso, felicidade,  
alegria, entretanto, quando passam, deixam nos  
entregues ás magras.

E a mesma voz psalmodeia:

"Esse passado  
De tão grata recordação  
Aflormentado  
Repousa em meu coração.  
Eram tão bellos  
E meigos a sorrir  
Os mortaes castellos  
De um feliz viver!"

"Recordar é viver"! Quantas vezes a  
lembrança do passado nos fortifica a alma e en-  
xuga as lagrimas do coração.

A vida é um arrendilhado de recorda-  
ções fagueiras e saudades que vegetam em  
nosso coração, maltratando e confortando.

"Recordar é viver", mas, é viver de só-  
nho em sonho, de illusão em illusão.

E de que nos serve sonhar e virmos de-  
pois a despertar para enfrentar a vida tal qual  
ella o é na sua realidade!

Seria multiplicar os sofrimentos de um  
coração para depois entregar o á melancolia  
sem um lenitivo para sua magua.

Verdade é que a possa imaginação nun-  
ca engrandece aquillo que possuímos e sim o  
que idealisamos. A serenata se afasta; não ouço  
mais os sons nem a tão maviosa voz que por  
instantes me fizeram sonhar.

E só envolvendo silêncio sepulchral que  
me cerca o recinto para as almas dotadas de  
grande sensibilidade as illusões desfeitas são  
nas suas maiores sofrimento.

ANIMA VIRGINÉA

# O ROSARIO

(CONTINUAÇÃO — VII)

ROMANCE DE FLORENCE I BARCLAY

O doutor Mackenzie abriu a porta, deixando Jane passar sem ruído. Seguiu-a, fazendo-lhe o sinal que descessasse.

Na biblioteca Jane, sem força, deixou-se cair numa cadeira; depois voltou-se para elle, olhando-o de fito. O clínico inclinou-se deante d'ella; seus olhos azuis sob as sobrancelhas emmaranhadas estavam humidos.

— Minha filha, disse bondosamente, sou um velho imbecil. É preciso perdoar-me. Não pensei que ja sujeitaria a semelhante provação. Comprehendo perfeitamente que enquanto elle hesitava à Senhora sentisse toda a sua carreira em jogo. Vejo que chorou; mas não tome tão a peito assim que nosso doente lhe tenha confundido a voz com a da tal miss Champion e se agitasse por isto. Não pensará mais nisto daqui a trez dias, e a senhora lhe será mais útil que todas as pessoas agradáveis deste mundo. Elle já quer levantar-se e explicar-lhe os quadros que fez. Não se assuste. A senhora ha de conseguir maravilhas, e poderei anunciar ao doutor Deryck seu pleno sucesso junto ao doente. Agora, urge que eu veja Simpson, para lhe dar instruções detalhadas. Voltarei d'aqui a algumas horas para ver como vão as cousas. Não quero retal-a.

— Doutor Mackenzie, accudiu Jane, posso perguntar-lhe porque disse que eu era loura e de cabellos crespos?

O doutor Rob já pousara o dedo no botão da campainha, mas á esta pergunta parou, cruzando aoclaro olhar de Jane os seus olhos azuis cheios de finura.

— Certamente que pôde miss Gray, embora me surpreenda achal o a senhora necessário. El claro que, por motivos todo d'ella, o doutor Deryck quiz fazer da senhora ao doente um retrato imaginario, e eu acho mais prudente confirmar-me com as indicações. E agora, se me dá licença... e o doutor tocou com força o tympano.

— E porque lhe ofereceu também certidão da veracidade d'esse retrato? Era certeza grande risco.

— Porque tinha a certeza de tratar com um cavalheiro declarou o doutor Rob imperturbado. Estava Simpson, e fechou a porta, louvando a Deus por termos feito homens e não mulhereis.

— O quanto de bom mais tarde Jane viu quando se a despediu.

— Derryck tinha razão, pensou ella, é um homem, que poderá ajudar-nos.

TRADUÇÃO DE MARIA EUGENIA CELSO

Sí tivesse Jane podido ouvir as reflexões que o doutor Rob ia fazendo, certamente se teria pasmado. Elle costumava falar alto e sózinho enquanto ia de um doente a outro.

— Ora estal resmungava elle fustigando o cavalo; quem me dirá porque cargas d'água essa Jane Champion nos caiu aqui do céo?.. Diabos me levem se o advinhol — continuou — mas nada de pragas, meu velho, lembra-te que tiveste mãe devota..

## JANE FAZ PROGRESSOS

*Carta de Jane Champion ao doutor Deryck Brand.*

*Castillo de Gleneesh.*

“Meu caro Deryck, telegrammas e postes não o informaram por enquanto senão da minha chegada. Estando, porém, aqui há quinze dias, acho que é tempo de mandar-lhe um relatório. Lembre-se, todavia, da lamentável correspondente que sempre fui. Dessa vez gostaria de ter uma boa pena, pois acabo de atravessar uma crise que bem poucas mulheres arriaram tido occasião de afrontar. A enfermeira Rosemary Gray está se sahindo menos mal do doente e lhe inspira uma confiança que salta-faz o seu orgulho profissional.

Quanto á pobre Jane, revere de contentar-se com a notícia de que é a ultima das pessoas de quem elle deseja a presença. Quando o nome d'ella foi mencionado como o de uma possível visita o doente exclamou um ‘não’ de tal repugnância que a pobre Jane sentiu o coração cheio de espinhos. Jane está pois levando disciplina! Ah! caro doutor tão perspicaz, você não se havia enganado no seu diagnóstico. Elle disse que a minha compaixão seria o fardo mais intolerável para sua crise já tão pesada! Como fazer-lhe compreender que é d'ella mesma que pobre Jane tem compaixão? Você não se espantará, pois, se eu lhe disser que neste regimento a ulta Jane tem emmagrecido e perdido as cores, apesar dos petiscos com os queques Margery e gráfica. Oh! meu velho camarada, meu coração está comum em carne viva e receio até o contacto de sua mão tão leve. Mas onde ficara eu?.. Ah! faltava do meu emmagrecimento e cansaço em compensação, parece que a jovem Rosemary continua floriente, bonita e com os cabelos mais vaporosos do que nunca. Devo confe-

sar-lhe que no tocante ao phisico da enfermeira fize de pôr o pessoal doméstico do castello na confidencia incidentes críticos davam-se a todo instante. Na bibliotheca, por exemplo, a primeira vez que lá estivemos juntos, Garth mandou Simpson dar um tamborete a miss Gray; Simpson abria já a bocca para responder que miss Gray era bastante alta para atingir as estantes superiores, mas a sua correção de lacaio de grande casa salvou a situação. Respondeu um "sim, senhor" respeitoso, lançando-me entretanto um olhar estupefacto. Si Margery estivesse presente, era à catastrofe, pois nada lhe teria podido deter a língua. Por isso, nessa mesma noite, depois de accommodado o patrão, convoquei Simpson e Margery á sala de jantar dizendo-lhes que por motivos do tratamento uma descripção inexacta do meu phisico fôra ao doente. Julgava-me baixa, magra, loura e muito bonita. Era poiso importante não lhe causar nenhuma perplexidade, desenganando-o por enquanto. A expressão de polida atenção de Simpson não sofreu alteração; mas a velha Margery passou por uma serie de expressões, diversas que se suyalisaram numa de acquiescencia. Comentou em seguida:

— Fizeram bem! Porque mestre Garth, coitadinho, desde pequeno sempre fez questão de beleza. Eu lhe disse mais de uma vez: "Você se occupa demais do exterior da taça, sem se preocupar com o que está dentro". Por isto, miss Gray, a senhora tem razão; é melhor continuar a enganar o

E como Simpson fosse atraçada da mão para adverti-lo do que estava dizendo, acrescentou com ar de sympathia: "Pois, bem que um rosto vulgar possa ser embellezado por uma expressão de bondade, a gente não pode explicar expressão aos cégos". De maneiras, Deryck que o julgamento desta fina velha que conheceu Garth toda a vida estaria de acordo com a resolução tomada há trez annos!.. Mas continuemos o relatorio. A voz, como você prová, quasi comprometeu tudo. Teve um choque tal que, não obstante parecer satisfeito com as explicações que lhe havíamos preparado, julgando-me fôra do quarto declarou ao doutor Mackenzie que minha voz o enlouqueceria istoalmente, sendo pois preciso mandar-me logo embora. O doutor soube convencê-lo e eu continuei no meu posto. Garth não fez mais allusão a este respeito. Somente, por vezes, suprehendendo-o a escutar-me.

Em vista disso, enquanto a pobre Jane permaneces arredada, a enfermeira Rosemary tem horas inefáveis. O doente volta para ella, descança nela de tudo, fala-lhe, procura penetrar-lhe o pensamento, descobre-lhe os seus, é uma amizade rara e seductora, e uma delicia a vida com elle. Chega agita ao ponto capaz de escrever cartas e, embora mulher, não o resiste para o postal scriptum. Deryck, mais a tempo, pediu-lhe vez ou breve a miss Gray? Não temos mais espaço para suspirar dantes de que haja a intenção sem seu auxilio. Ele fôrás o seu secretário com essa visita sua que

lhe mostrasse os progressos já feitos... E você poderia dizer uma palavrinha em favor de Jane, saber pelo menos o que elle pensa d'ella. Oh! meu amigo, si pudesse consagrar-me quarenta e oito horas!.. Um pouco de ar das dunes lhe seria salutar... e depois, alimento um projecto que depende em grande parte de sua vinda. Venha pois. Preciso de você.

JANE"

*Do doutor Deryck Brand à enfermeira Rosemary Gray, Castello de Gleneesh.*

"Minha querida Jane. Irei certamente. Partirei sexta-feira e posso passar todo o sabbado e parte do domingo em Gleneesh; mas preciso estar de volta na segunda-feira. Fará o possível; mas não posso infelizmente a vara de Moysés. Tenho confiança, no entanto. Temos fé em Deus, que só elle pôde fazer sahir o bem do mal. Estou satisfeito que a enfermeira tenha provado tanta competencia, e espero não me achar a braços com alguma nova complicação.

Supondo que nosso doente se apaixone pela gentil Rosemary, que sorte reservariam-nos neste caso a Jane? Convene evitar a todo transe esta catastrophe. Estou brincando, porque ali estarei breve a seu dispor. Do muito seu

DERICK BRAND"

*Do doutor Deryck Brand ao doutor Roberto Mackenzie.*

"Meu caro Collega,

Acha o collega útil que eu faça uma visita ao nosso doente em Gleneesh e que dê minha opinião acerca do seu actual estado? Ser-me-ia possível ir lá pelo fim da semana. Espero que estaria satisfeito com a enfermeira que lhe mandei.

Sua afetuosa

DERICK BRAND."

*Do doutor Mackenzie ao dr. Brand*

"O doente recebe da pessoa tão competente que o collega mandou o melhor trato possível. Nem o senhor nem eu lhe somos mais necessarios. Creio, entretanto, muito opportuna uma visita sua à enfermeira, que emmagrece a vista d'elhos e inexplicavelmente. Secreto pesar, fôra da preoccupation de responsabilidade, evidentemente a consenso. Talvez tenha ella confiança no collega. O facto é que não se resolve a me testemunhar nenhuma. Muito seu credo e obrigado.

ROBERTO MACKENZIE."

*DE RÓS MOMENTOS PARA A SECRETARIA*

A enfermeira Rosemary se achava com o doente na biblioteca encolada de Gleneesh,

entre elas, numa mesinha portátil, se empilhavam cartas ainda fechadas, do correio da manhã. Garth, vestido de flanela branca, gravata curta e uma ilôe na botaesra, recostava-se na sua poltrona, gozando com uma satisfação toda nova o perfume das flores e o calor dos raios solares.

A enfermeira terminou a leitura de uma carta pessoal e, dobrando-a guardou-a no bolso com verdadeira satisfação: Deryck ia chegar.

— Sua carta é de um homem, não é, miss Gray? perguntou Garth de repente.

— Perfeitamente; mas como o sabe?

— Porque só havia uma folha, e carta de mulher sobre assuntos de importância, nunca deixa de ter muitas. E esta carta tratava de assunto importante.

— Ainda uma vez bem advinhado, respondeu a enfermeira sorrindo; e ainda uma vez, como o sabe?

— Porque a senhora soltou um suspirozinho de satisfação no começo da leitura e outro no fim, quando recollocou a carta no envelope.

Rosemary Gray poz a rir.

— O senhor está fazendo progressos taes, senhor Dalmain, que em breve não poderemos mais ter segredos. Minha cara era de...

— Oh! não diga, protestou Garth, eu não tentava ser indiscreto a respeito da sua correspondencia, miss Gray, mas gosto tanto de lhe fazer constatar meus progressos e advinhar o que não me dizem...

— Mas eu ia dizer-lhe. A carta é do doutor Deryck, que entre outras cousas annuncia que estará aqui no sabbado.

— Ah! tanto melhor... que mudança vai encontrar! E que prazer terei eu em agradecer-lhe a paciente ledora, secretaria, enfermeira e conselheira que me deu. Mas, accrescentou num tom que denotava subita apprehensão, elle não vem para leval-a?

— Não, ainda não. E justamente, senhor Dalmain, ia perguntar-lhe se poderia dispensar-me durante quarenta e oito horas? A visita do doutor Brand seria excellente occasião de me ausentar, ao que me parece. Deixal-o já sem susto, sebendo-o em bôa companhia. Si me autorisa a sahir no fim da proxima semana, estarei de volta segunda-feira cedo, a tempo de ler o correio da manhã. O doutor Brand poderá ler-lhe o de sabbado—não o ha no domingo—e substitue-me de todos os modos.

— Muito bem, acuiécesceu Garth esforçando-se por esconder a sua decepção; eu teria gostado que conversassemos os tres. Mas acho melhoso que queira um feriado. Pretende ir longe?

— Não, tenho amigos perto. E, agora, quer ler as suas cartas?

— Sim, disse Garth estendendo a mão; um momento, por favor: ha um jornal entre as cartas, entre o resto da lista de impressão. Não, não queria a...

— Recomende por o jornal de lado e a...

tocai-se com a mão. Ele tomou-as, manuseando-as afetuosamente uma à outra.

— Não são poucas declarou sorrindo, passando os dedos sobre os sellos. De突tido parouinha em mão uma carta escripta em papel estrangeiro e lacrada. Segurou-a um momento, parado, sem dizer nada, apalpando em sequida o lacre que a sellava. A enfermeira observava o ansiosamente. Ele, porém, não fez nenhuma reflexão; deixou cair a carta e tomou a seguinte. Mas quando depositou a pilha em cima da mesa teve o cuidado de deixar a carta lacrada em baixo de todas, afim de que viesse por ultimo. Rosemary tomou a primeira, leu a indicação do lugar de onde vinha, descreveu a letra. Garth tentava adivinhar o expedidor, jubilando quando acertava. Naquelle manhã havia nove cartas. A mão da enfermeira Rosemary tremia quando pegou a oitava.

— Essa carta, senhor Dalmain, traz um sello do Egypto, anunciou, tomado a ultima e o carimbo do correio do Cairo. Está sellada com lacre vermelho, sinete de um elmo em-pennachado com a viseira abaixada.

— E a letra? perguntou Garth numa voz muito calma.

— A letra é clara, firme, bem lancada, sem floreios; foi escripta com pena de ponta quadraada.

— Faça-me o obsequio de abrill-a e dizer-me a assignatura antes de lel-a.

A enfermeira lutava contra a emoção que lhe contrahia a garganta, parecendo-lhe que a voz não ia sahir. Abriu a carta devagar e olhou a assignatura.

— A carta está assignada Jane Champion, senhor Dalmain.

— Tenha a bondade de ler, ordenou Garth atraç da mão que lhe velava o rosto inclinado.

E a enfermeira começou:

“Caro Dal, que posso dizer-lhe neste papel? Si estivesse a seu lado teria muita cousa a contar-lhe; mas escrever para mim é difícil, quasi impossivel. Sei que a provação é mais dura para você do que para qualquer um de nós, mas tenho a certeza de que você ha de ser mais corajoso que todos nós e ha de vencel-a, continuando a achar bella a vida e fazel-a achar assim a muitos outros. Eu não sabia aprecial-a antes d'aquele verão passado em Overdene e em Shienstone, onde você me ensinou a perceber-lhe a belleza. Desde então, ao spectaculo de cada pôr do sol, de cada ralar de manhã sobre as aguas azul-verdes do Atlântico, deante da purpura das montanhas, das catadupas do Niagara, dos desertos dourados do Egypto, pensei em você e por sua causa comprehendi melhor. Oh! Dal! quereria ir contar-lhe estas maravilhas e fazer que você as visse atravez de meus olhos, que, graças a você, passaram a comprehendêr melhor a magnificencia. Disseram-me que você não recebe visitas; mas não pode acaso, fazer uma excusão para mim? Estava na Grande Pyramide quando subiu... no terraço, depois do jantar... A claridade do luar evocava em mim um mun-

do de lamentos. Acabava de me decidir a regressar à Inglaterra e, uma vez chegada, escrever-lhe, pedindo-lhe que me fosse ver. Nesse instante exato o general Lorraine sobreveio com um jornal inglez e uma carta de Myra e eu soube de tudo...

Teria você vindo me ver, Garth? Mas hoje, meu amigo, desde que não pode vir a mim, deixe-me ir a você? Se me mandar dizer simplesmente "Venha", irei de qualquer parte do mundo em que possa estar. Não se importe com a proveniencia desta carta, eu não estarei mais no Egypto quando a receber. Escreva para a casa de minha tia, em Londres. Deixe-me ir, Dal e creia que eu comprehendo seu sofrimento. Mas Deus ha de ajudá-lo. Crelá-me também mais sua do que o posso exprimir,

JANE CHAMPION"

Garth descobriu o rosto endurecido de resolução.

— Se não está fatigada, miss Gray, gostaria de dictar-lhe já a resposta a esta carta, enquanto a tenho bem presente ao espírito. Tem aí papel? Pode começar?

"Cara miss Champion, commoveu-me profundamente sua carta cheia de sympathia. Só a sua bondade a levaria a escrever-me assim de tão longe, em meio a scenas tão feitas para afastar seu pensamento dos seus amigos da Inglaterra."

Uma longa pausa; a enfermeira de pena na mão pedia a Deus que não fosse ouvido do outro lado da mesinha o bater descompassoado do seu coração.

— Estimo que a senhora não tenha renunciado á viagem de Nilo... e...

Uma abelha zumbiu de encontro a vidraça... "naturalmente se me tivesse chamado eu teria ido". Silêncio completo durante alguns minutos; depois a voz de Garth recomeçou a dictar:

— "A senhora é demasiado bondosa, insistindo para me ver, mas..." A enfermeira deixou cair a caneta;

— Oh! senhor Dalmain, deixe-a vir, coitada!

O rapaz voltou para ella o rosto estupefacto:

— Não desejo que venha — declarou num tom resoluto.

— Mas reflete que é penoso desejar ardenteamente vir a um amigo que padece e ser mantida a distância!

— E evidentemente por bondade que miss Champion lhe ofereceu foi uma camarada, essa linda amiga dos tempos passados; affligiu-me ver-me nesse mo estado em que me achava.

— Eu sei que ella diz, retrucou a enfermeira com sarcasmo: ah! como não leu o seu nome exactamente? Será preciso um cor-de-rosa para comprehender uma carta de miss Lorraine em tanto illo mal! Quer que a leia?

Uma expressão de verdadeira contrariedade passou pelo semblante de Garth. Falou com desinteresse curioso, as sobrancelhas

franzidas e approximadas. Gostava.

— A senhora leu muito bem a carta, mas não devo esconder. Quero lhe a liberdade de dizer cartas à minha secretaria sem ser tocado a explicá-las.

— Peço-lhe desculpas, senhor, respondeu a enfermeira; ehorei-te realmente de minhas atribuições, mas esta senhora é a que me disse ser ter a voz parecida com a minha e então...

Garth estendeu a mão através da mesa, deixando-a assim um momento, mas bênhindia outra mão lhe respondeu ao gesto.

— Não pensemos mais nisto, disse elle com o seu encantador sorriso; o meu excelente mentorzinho pode aconselhar-me sobre varios assuntos, porém não sobre este. Agora, acabemos. Onde ficáramos? Ah... "insistindo para me ver". A senhora escreveu "demasiado bondosa"?

— Demasiado bondosa, repetiu a enfermeira Rosemary, com voz abafada.

— Continuemos: "Mas por enquanto não recebo ninguem e não desejo ter visitas quando me tiver tornado senhor do meu novo estado, para que não transpareça demais. Tenciono passar todo o verão em Gleneesh na mais completa solidão, habituando-me pouco a pouco às exigencias d'essa nova vida. Tenho a certeza de que meus amigos respeitarão a minha decisão. Tenho a meu lado uma pessoa de capacidade e paciencia taes..." Não! espere, exclamou Garth subitamente; não ponha isto; ella poderia interpretar mal... Já começou a escrever esta phrase? Não? Qual é a ultima palavra? "Decisão"! Muito bem. Um ponto depois de decisão. Bom. Agora, deixe-me reflectir.

Deixou cair a cabeça nas mãos e ficou absorto nos seus pensamentos. A enfermeira esperava: na mão direita a pena levantada, a esquerda apoiada no coração, contemplava com inexprimivel ternura a morena cabeça do doente. Por fim Garth endireitou-se e concluiu: "Sinceramente seu, Garth Dalmain".

Sem protestar, a enfermeira Rosemary traçou estas palavras no papel:

### O DOUTOR ROB PRESTA REFORÇO

O silêncio um tanto penoso que se estabeleceu depois de fechada a carta foi rompido pela voz jovial do doutor Rob.

— Qual é o doente hoje? O senhor cu a senhora? Ah! nem um nem outro, pelo que vejo. Ambos têm um ar tão prospero que intimidam ao medico. Temos a primavera lá fôra, mas o estio cá dentro, continuou o doutor Rob, embora se perguntasse a si proprio porque estavam tão pallidos aquelles dois rostos e porque se respirava na atmosphera uma sensação de sofrimento.

Esta vez, miss Gray, que a senhora abandonou o uniforme da já cinzenta, regressando ao de lindo azul, mais bonito sem dúvida, sentiu capaz de restringir. O preciso não é ganhar peso e comer bem. Neste clima a gente deve almoçar copiosamente e a mim me parece que a senhora está perdendo o peso

no algum tempo. Olha, não ve lá ficar completamente impossível!

— Porque bala sempre o senhor com miss Gray à respeito do seu tamanhinho? perguntou Garth em tom de censura. Ser baixa não é positivamente um defeito!

— Posso balar então a respeito da altura d'ella se o senhor o preferir, replicou o doutor Rob, lançando um olhar malicioso á alta sangueta da enfermeira, muito tez e como pregada deante da janella.

— Preferiria que não se fizesse nenhum comentario sobre seu physico, declarou Garth secamente, acrescentando depois com mais brandura: o senhor comprehende, doutor, para mim ella é apenas a voz que guia. A principio esforçava-me por mentalmente emprestar uma apparencia a esta voz; prefiro agora beneficiar-me do que conhço e deixar no vago o que ignoro. Salvo aquelle Johnson pertencente a um pesadelo a meio esquecido, ella é a unica pessoa nova que me tenha falado desde que ceguei. A unica voz á qual não posso dar nem rosto nem corpo. Com os annos haverá muitas assim. Por enquanto, é a unica.

Os olhos do doutor Rob, que durante esta explicação não tinham cessado de esquadrinhar em derredor, pareceram immobilizar-se de chofre sobre um objecto, digno de attento exame. Acabava de avistar a carta proveniente do Egypto, em cima da mesa.

— Ah! exclamou, as Pyramides; o sello do Egypto é interessante. Tem amigos por lá, senhor Dalmain?

— A carta chegou-me do Cairo, respondeu Garth, mas actualmente creio que miss Champion está na Syria.

O doutor forceu o bigode, absorvendo-se na contemplação da carta.

— Champion? repetiu. Champion? É um nome pouco vulgar; sua correspondente seria por acaso a grande Jane, como a chamavam?

— Justamente, confirmou Garth surpreso; conhece-a por ventura? e a sua voz vibrava estranhamente.

— Muito, retorquiu o doutor em tom deliberado; conheço-a e conheço-lhe principalmente o caracter. Vi a á prova de fogo o que a mór parte de seus amigos não podem dizer. Mas ha uma causa d'ella que eu ainda não conhecia, é a leitura. Posso examinal-a?

Volta-se para a janella o audacioso homenzinho dirigindo a pergunta á enfermeira Rosemary, mas não viu d'ella senão as costas: miss Gray estudava a paisagem. Elle virou-se então para Garth, que naturalmente já dera um sinal de assentimento e em cuja phisicalidade mal-humorada o desejo de ouvir mais alguma coisa sobre tal assunto. O doutor Dalmain, tirou o espetaculo.

— Sim, disse ella depois de um curto exame silencioso; a terra se parece com elia: clara, sem densidade, respondendo o que quer dizer é mais certo quer la dal meu rapaz, que mo bre nadie tem por amiga.

Um leve rosadouro tingiu as faces amedrontadas de Garth. Na sua treva fôra absecado pelo deseo de ouvir falar d'ella, sem poder esperar o. Ali se fizesse suspeitado que aquelle velho Roble a conhecesse. Quanto tempo perdido! Usara de infinitas precauções para interrogar Brand, temendo revelar o seu segredo e o de Jane. Mas com o doutor Rob e a enfermeira não eram necessarias tantas manobras. Podia guardar o seu segredo e, entretanto ouví-los falar.

— Onde a encontrou? perguntou logo para não deixar cahir a conversa.

— Dir lhe-hei onde e como se o senhor não tem medo de ouvir uma historia de guerra. Garth não queria outra cosa e disse pressuroso:

— Mas o senhor está sentado? E miss Gray não quer uma cadeira?

— Não estou sentado, nem me sento nunca quando quero dar livre curso á minha eloquencia. Miss Rosemary, absorta pela vista, está na janella e não presta attenção nenhuma ao que dizemos. Uma mulher, aliás, interessasse raramente pelo que se possa contar de outra mulher. Mas accenda o seu cigarro e refestele-se na sua poltrona aperfeiçoada. A primeira vez que vi Jane Champion foi na Africa, durante a guerra dos boers. Eu lá estava como cirurgião e ella como enfermeira voluntaria, mas não enfermeira amadora. Tratava de veras dos feridos. Trabalhava como dez e exigia que todos trabalhassem da mesma maneira. Medicos e enfermeiras adoravam-na. Sabia tão bem falar o pobre "Tommy" ferido!... Achava palavras de mãe para consolal os, não imagina!

Garth deixou cahir o cigarro a meio consumido, cobrindo o rosto com a mão. O doutor apanhou o cigarro, esfregando com o pé o tapete chamuscado, olhando de soslaio para a janella: a enfermeira voltara-se de olhos inquietos fixos em Garth.

— Encontrei-a, então, frequentemente, embora não estivessemos na mesma secção, proseguiu o doutor; falou-me mais de uma vez. Uma occasião em que viera buscar chloroformio na ambulancia dei volta á sala e vi miss Champion de joelhos junto a um homem que ia morrer. Falava-lhe de mansinho, quando de repente houve um estrepito formidavel e a miss Jane e o ferido se viram cobertos de poeira e de estilhaços: um obuz boer cahira no telhado da ambulancia. O homem gemia de medo, coitado, e era desculpavel: agoniava. A grande Jane não perdeu o sangue frio:

— "Delite-se, meu amigo e fique quieto." — "Aqui, não!" soluçava o desgraçado. — "Pois socgue que vamos tiral-o daqui!" Voltou-se e, avistando-me, ordenou: "Aqui, sargento! Ajude-me a carregar este rapaz, não quero que elle se assuste neste momento". Foi só o que disse acerca do obuz que a podia ter matado. Meteu as mãos debaixo dos hombros do ferido que eu peguei pelos joelhos, e carregamo-lo ambos fôra da sala em ruinas até um quartel no fundo do corredor contendo uma cama

FLOR DE LIZ



"FLOR DE LIZ" n. 3

O que contém no texto:

Um Carnaval Original—  
C. DE VALFLEUR.

Rainha dos caixeiros de  
Cajazeiras—D. FILGUEIRA.

Um Pacifico—P. CARLOS  
COELHO

O lar do Terceiro—FRANCISCO DE LINS.

O homem e a religião—A.F.

Anunciação

O banho de serenidade—  
CLOTTIDES COELHO

História de um coração—  
ELDRA POSSÓLO

Notas Elegantes

A Cigarraria e a Formiga—  
OLEGARIO MARIANO

Como as mulheres trabalham na Alemanha

Um príncipe cruel

O amor definido pela mu-  
lher

Os mandamentos do ma-  
trimônio

O meu casellinho—AMA  
DEI CHAVES

O Romeo (Romance)

Variedades

As moças tombinarem em si  
é depois Lydia dirigiu-se a el-  
la e pediu que lhe levasse as  
compras para a rua que era a  
de João e o preço. Este pediu  
uma quantia modesta e Lydia  
logo respondeu: «Dou-lhe mais,  
isso é pouco».

Assim foram comprando pão,  
leite, carne e tudo o que jul-  
gavam ser necessário para u-  
ma família.

Em quanto isto João empur-  
rando o carrinho, no seu inte-  
rior agradecia a Nossa Senho-  
ra o ter lhe attendido tão de-  
pressa a oração.

Sylvia dizia a irmã: Estou tão  
contente de o termos ainda en-  
contrado. Quantos pobres não  
haverá por este mundo afór-  
nas mesmas condições! Já nem  
tenho mais ânimo de pensar no  
carnaval, pois sempre teria de  
me lembrar que estou gozando,  
gastando o superfluo, emquan-  
to outros nem têm pão».

Lydia ia responder, quando  
João parou o carrinho e tiran-  
do o chapéu pediu licença pa-  
ra dar um pulo lá nos fundos,  
onde marava a família.

Sim, disse Lydia, mas leve o  
carrinho, e, si nos dá licença, ire-  
mos comsigo. Pois não disse elle.

Ao chegarem à porta do  
quarto, ouviram o choro de Ve-  
rinha e João precipitou-se pa-  
ra o interior.

Sophia jazia inerte no chão e  
Verinha estava abraçada com  
ella, chorando e chamando pe-  
la mamã.

Um quadro tão triste as  
duas moças nunca haviam ima-  
ginado.

Por um momento ficaram  
inertes. Foi só um momento.  
Enquanto Lydia tomava a pe-  
quenina em seus braços, Sylvia  
ajudou erger a esposa que  
estava só desmaiada.

Este chorava como uma crean-  
ça. Sylvia procurou consolá-lo.

«Não é nada», disse ella, es-  
tá só desmaiado. Lydia vá bus-  
car o vinho que compramos.»  
Está sempre com a menina no  
collo, correu e trouxe não só  
o vinho mas também o pão.  
pois Verinha lhe disse que  
tinha fome. O vinho tentou  
Sophia com grande força da  
João. Sylvia tirou da bolsa di-  
nheiro que deu a João dizendo  
«O que está no coração é pa-  
ra ti só». «Isso é certo»,

ra quem nós mandou atrás  
de si, porque recorreu a ella.  
Amanhã se der licença, vol-  
taremos. Talvez papai tenha tra-  
balho.

E antes que os esposos estu-  
pefactos, pudessem dizer algu-  
ma coisa, retiraram-se.

IV

Lydia, enquanto passava o  
longo corredor para alcançar a  
rua, limpava as lagrimas. Si ella  
só tinha 16 annos... Sylvia dis-  
se: tens razão; também eu em  
lugar de atirar serpentinas e  
confetti, hei de me lembrar  
sempre dos pobres, que não  
têm pão. Que dizes? queríamos  
um carnaval original.

C. DE VALFLEUR



Rainha dos caixeiros de  
Cajazeiras

Melle. MARIA TAVARES

(Para «Flor de Liz»)

Ella veio de lá e nos visitou  
num gesto de nobreza e fidal-  
guia.

E admirei-a.

Gostei do feito dos caixeiros  
elevando-a à soberania de «rain-  
ha», ella que é toda modestia,  
intelligencia e gederosidade e,  
que possue na própria alma um  
reino de beleza e de bondade.

Todos os requintes de finu-  
ra, todo o «charme» de sua si-  
lhuela onde se confundem a  
graça e a elegancia, toda a  
expressão de seu olhar onde fulgura o brilho das estrelas,  
tudo isso, de parceria ainda  
com a sua polidez de trato, eu  
vi occultar-se, por uma doce  
magia,—e surgir a mulher Par-  
ahybana,—a mulher intelligen-  
cia e sentimento,—heroica, ab-  
negada, como todas as «gran-  
des» filhas da «pequenina» Phi-  
lipéa.

Quando ella passa, a ilumi-  
nar com o suggestivo do seu  
sorriso terno, ostentando na  
fronte a coroa da juventude,  
eu echo-a simplesmente bella,  
pois que na sublime accepção  
de Kant, «bella, é tudo quanto  
agrada desinteressadamente».

E admirei a rainha da pa-  
lavra e do pensamento.

DJANIRA FILGUEIRA

Craio—Ceará.

Religião é para mulhers, diz-se. O homem, pelos seus multiplos, inúteis e variados ramos de actividade, não pode ser religioso. Não pense assim. O contrario impõe-se, o homem deve ser religioso. E a religião tem causa implacável das más ações. O homem, sem temor de Deus, não respeita seus semblantes, não observa as leis, não teme a Justica. Dahi o numero incomparável de desgracas que nos advem.

Particularisemos: Na vida forense o falso testemunho é tão trivial hoje, que já faz cair em descredito esse especie de prova. A justificação testemunhal é considerada risível, graciosa. Não merece fé. Porque? Simplesmente por terem abolido o juramento religioso, sobre o Evangelho.

Alli, eram tão raras as mentiras, quanto são communs nas tais promessas pela honra. A honra tão facilmente iludivel e consolavel exonera o ináviduo de falar a verdade. O homem tem medo de mentir em nome de Deus. Mas, dir-me-hão, religião é coisa velha, incompativel com a

## O homem e a religião

sciencia e quem sabe ler não pode quer em Deus, em alma e menos em Inferno.

Será a religião inconsilivel com a sciencia? Respondam Newton, Pasteur, Ruy, Miguel Couto.

Haverá Deus? Apontemos o Universo. A materia inerte dos monistas não produziria o movimento. Não se dá o que não se tem. Precisa se do Motor immovel dos antigos.

Temos alma? Indagai da vida. A cellula isolada não vive. Demais componham os materialistas em seus laboratorios as cellulas e formem organismos.

Desafio-os a darem-lhes movimento e vida.

Existirá inferno? Vede Voltaire pedindo confissão á hora da morte. Guerra Junqueiro entrando para um convento e inumeros ateus e maçons beijando contrictos a imagem de Christo á hora inappelavel das contas eternas. Os humbraes da eternidade apavoraram.

A virtude sem Deus é prevaricação e vacuidade. Inquiri dos falsários, dos estelionatários, dos assassinos quando se confessaram. Não creem em confissão, diz um: religião é meio de vida de Padres, responde outro; deixemos a confissão para as mulhers que são psychologicamente fracas e impressionaveis, sentenciará o ultimo.

Sim, convenho que a religião deve ser para as mulhers. Os incredulos errundo, acertam.

Mães de familia, tendes um proficuo e meritorio encargo. Formai o coração de vossas filhas na religião romana de Christo. Tereis inimitaveis mães de familia e a consequencia será esta: os homens que sahirem desses lares serão forçosamente religiosos e bons. Não ha filho mau si é boa a mãe.

No mais crede pouco no homem ateu e menos nas mulhers que proclaimam emphaticamente: 'Graças á Deus sou ateha, não tolero sermões de Padres, fujo delles.'

CAJAZEIRAS, 27-3-930  
A. F.

## Anunciação.

Na hora em que os sons dos sinos dizem o que só as almas comprehendem e o sol vai se deluindo na apotheose do occaso uma virgem de candura mais pura do que açucena curva se genuflexa no seu quarto de orações.

Nesta contemplação tão profunda, quando o coração encontra um oceano de doçura e uma consolação tão serena que excede a todos os prazeres da terra aproxima-se-lhe misteriosamente um mancebo de vestes mais brancas do que a neve, de porte esbelto de uma phisionomia suave e com o som argenino de sua voz, numa canção cheia de melodia sauda-a: «Ave, ó cheia de graça o senhor é conosco: bêm-dia seis vós entre todas as mulhers». Este lojem era o anjo Gabriel o mensageiro celestial que havia sido escolhido para anunciar a Maria que elinhaia de ser mãe do Messias pronunciando o que já havia sido

predito pelos prophetas. E como o anjo vira que a humilde virgem se pertubou com esta nova, disse:

«Não temas Maria: Achaste graça diante de Deus». Quando ella acabou de ouvir a mensagem do celestial enviado respondeu como a mais submissa das servas do senhor:

«Eis a serva de Deus: faça-se em mim segundo a vossa palavra». Nesse instante tão cheio de felicidades foi cumprido o mysterio sublime da encarnação tendo elle elevado o lar humano ao mais alto grão de perfeição. E é a Santissima Virgem que deve ser tomada por modelo para as senhoras christãs comoritema fielmente com os deveres de seus lares. A igreja celebra a memória desse mysterio no dia 28 de Março, festa universal da Anunciação de Nossa Senhora.

E' pois, este dia para aquelles que veneram a S. V. de fatas e explendores, pois foi nelle que tivera o annuncio de ser mãe do filho de Deus. Só não sentirão alegria e não com parilharão destes explendores e das graças que a V. S. demonstrará sobre nós neste dia aquelles que, vivem extraviados pelo pecado. Oh! vós que deixastes este redil sagrado—a religião—e andaes ás cegos pelo mundo, vinde reverentemente prestar homenagens à S. V. neste dia em que tendes liberdade de pedir forças para vencerdes todas todas obstruções que se oppuzerem á vossa vida. E' que sois verdaderos cegos, e só podereis curar esta cegueira se jupres aos que sentem prazeres espirituais, louvareis a S. V. como ella merece e como deve ser louvada.

Louvemos e honremos a S. V. em todos os lugares e em todos os momentos.

Em 28-3-930.

MARIANO

## Formiga

## A Cigarra e a Formiga

Dona Formiga, neste reconheça  
Ruslito e soltarla.  
E não  
Quão três vezes millionária  
Possuidora de explendida riqueza  
Que levou a lutar durante toda vida.

Acostumou-se desde creança á luta,  
Ao sol de fogo e á ventania brava.  
Ulvia a trabalhar heroica e resoluta  
Armazenando tudo o que ganhava.

Hoje está bem, mas é geralmente malquista.  
Faltam-lhe uns poucos sentimentos nobres.  
É em demasia egoista.  
E odeia as raparigas que são pobres.

Dona cigarra, por exemplo, alheia.  
A tudo, vive como pode, á tóia.  
Canta os dias a fio...  
Tem a garganta quasi sempre cheia  
E quasi sempre o estomago vazio...  
Entretanto, coitada! é humilde e bôa.

Chega a passar misérias, mas que importa?  
Só quer que a sua vida não se acabe.  
Anda de porta em porta...  
Sí não trabalha, é só porque não sabe.

Entregou-se de vez á vida airada e quando  
Se lhe fala em riqueza,  
Ela responde, trefega, cantando  
Que o seu grande tesouro é a Natureza.

Ora, um dia... (Chegara o inverno) a pobre  
Poi ter á casa verde da vizinha  
E appellou humilhada,  
Para o seu grande sentimento nobre!  
— Mata-me a fome cruel que me espesinha,  
Quero pão e mais nada.

Mas a ironica amiga,  
Impassível, britannica, solenne,  
Falou, assim:  
— Sou a mesma Formiga  
De que falava o velho La Fontaine,  
Nada esperes de mim.

— Tu que fizeste na estação ardente,  
Quando me extenuava, estrada lóra?  
— Eu cantava — respondeu-lhe a innocenté.  
— Ah! Cantavás? — pois canta e dansa agorá!

Deus que ouvira, entrefantó,  
Sentenciou da alta abobada vasia:  
Canta, Cigarra, canta que o teu canto  
Será o pão de cada dia.

Essa Lenda Bizarra  
Que o tempo não consome,  
Vem aos poetas provar  
Que a cigarra  
Nunca mais morrerá de fome  
Morre agora é de cantar.

## Como as mulheres iraquianas na Alemanha

Lotte Gardich, intelectual al-  
Iemã, de nomeada, acaba de  
profetir interessantíssima con-  
ferencia sobre o trabalho mini-  
mo no seu país.

Segundo afirma, cerca de  
onze e meio milhões de mulhe-  
res alemãs provêm a propria  
subsistência, pelo seu trabalho.  
Isso em virtude da crise eco-  
nómica e da dificuldade sem-  
pre maior de conseguir matri-  
monio.

Cerca de cinco milhões de  
trabalhadoras dedicam-se á a-  
gricultura.

Um milhão e trezenhos e quin-  
ze mil ao comércio.

Cento e cinquenta mil mane-  
jam nos rudes misteres das fa-  
bricas de fundição de ferro e  
aço. A educação votam se cen-  
to e dezenove mil.

## Um príncipe cruel

D. Carlos, filho de Felippe II  
de Espanha — o heroe da ope-  
ra de Schiller — commeteu em  
vida muitas crueldades que a  
Historia registrou, atribuindo-  
as ao seu carácter violento.  
Entre essas crueldades, uma  
ha — apontada pelo historiador  
Luis Cabrera de Cordoba na  
sua «Historia de Felippe II» —  
que merece registro especial.  
Como o sapateiro regio fizesse  
para o príncipe, umas botas  
que, por estarem apertadas, o  
incomodavam um pouco, o  
filho de Felippe II mandou cortar as botas em bocadinhos e  
obrigou o sapateiro comer es-  
ses bocadinhos cozidos.

## Chiste

— Este jornal conta a história  
de uma mulher que era amada  
pelo marido e que este sempre  
lhe dâ um presente.

— E este que estou lendo?  
Conta que um marido, apesar  
de querer bem a mulher, nunca  
lhe deu dinheiro para lhe dar pre-  
sentes.

— Sentei-me fotografadas na parede. — Aqui, desculpa, é onde deixamos o homem na cama. — De quem é este quarto? perguntou. A pergunta surpreendeu-o; vendo porém que se tratava de um estranho, respondeu cortezmente: "É meu", e notando que o ferido sereia acrescentou: "Pobre rapaz; não precisará mais de cama, quando eu pensar em deitar-te." Está aí a mulher. Foi aliás esta a minha conversa com miss Champion. Pouco depois, voltava eu à Inglaterra.

Garth levantou a cabeça:

— E torceu encontra-a?

— Sim, disse o doutor Rob; ella no entanto, não me reconheceu nem por sombras. Nem o podia mesmo: na África eu andava barbado, pois faltava-me o tempo para barbear-me e meu uniforme me fazia passar por militar em vez de cirurgião. A gente naturalmente não podia esperar reencontrar um camarada de antanha em... Piccadilly, concluiu o doutor Rob, engolindo em secco. E agora, meu rapaz, que já o massei bastante, vou falar a Margery na sala de jantar. Ela anda assustada, segundo me disse, não digere bem as gromas. Com sua licença, portanto, vou falar Margery.

— Ainda não, doutor. — atalhou a voz calma da enfermeira. tenho uma palavra a dizer-te; vou consigo até a sala de jantar. Examinou Margery, botarei o chapéu e tal. o senhor Dalmain quiser ficar só durante uma hora, acompanhá-lo hei um bocadinho.

Jane entrou na sala de jantar com o doutor Margery.

— Então, vou levar um grande pito? — respondeu elle defendendo sobre ella o olhar in-

A moça adeantou-se de mãos estendidas:

— Ah! sargento, exclamou, caro e fiel sargento, eu vendo o que é a gente usar a roupa dessa! Todo o meu tormento vem de ter formado o nome de outra mulher! Então o senhor me reconheceu imediatamente?

— Assim que entrou, declarou o doutor.

— Porque não o disse?

— Pensei que devia ter sérios motivos para ver a enfermeira Rosemary Gray, e não tinha que me meter nos seus negócios.

— Oh! como foi bom, discreto! Quando me lembro da maneira pela qual me disse: "Então, hei tua viagem, enfermeira Gray?" quando podia tão bem ter me dito: "Bom dia, miss Champion, o que a traz aqui com um nome estranho?"

— Tinha podido, com efeito; mas graças a Deus não disse!

— Então, continuou Jane, porque trahir se agiu?

O doutor Rob pousou a mão no braço de Jane.

— Minha filha, eu sou um velho já e temendo a minha vida não te outra coisa senão explicar o que não me dizem. A senhora sabe de certeza uma difícil provocação, não sei se que diz respeito a elas mas a todos nós. Sabe

que para dar-lhe forças de suportá-la, seria dentro em pouco necessário ver compartilhado o seu segredo. E hoje, pela physionomia dos dois, quando entrei, vi que era chegado o tempo. A senhora tem em mim um amigo que, como todos os que a viram na África, poriam de bom grado a mão no fogo para servir a.

Jane fitou-o com olhos cheios de gratidão, demasiado commovida para falar. O doutorinho prosseguiu:

— Diga-me só, minha filha, qual a razão que os separa?

— Ah! doutor, respondeu Jane num suspiro, foi uma historia de desconfiança e mal entendido de minha parte. Agora, enquanto o senhor examina Margery, vou me preparar para sahir e tentarei contar-lhe em caminho o que separou nossas vidas. Seus conselhos talvez me ajudem e sua sciencia do coração humano descobrirá talvez uma solução á tristeza do meu caso.

Como Jane atravessava o vestibulo e se dispunha a subir a escada, olhou para os lados da porta fechada da biblioteca! Um suspiro a deteve: como teria suportado Garth a historia do doutor Rob? Só ella podia advinhar a força de certas evocações e sentia que não podia sahir sem certificar-se de que elle ia bem. Abriu a porta da entrada, contornou a casa até o terraço e approximou-se da janella aberta da biblioteca, pisando sem bulha o canteiro gramado. Nunca o espreitara, sabendo que elle odiava e temia a idéa de uma intrusão invisivel. Mas agora... só uma vez! Jane espiou: Garth, sempre sentado na cadeira, cruzava os braços sobre a meza, enterrando nelles o rosto. Soluçava como ella ouvira ás vezes soluçar os soldados após uma átraz operação suportada em silencio. E ao meio de suas lágrimas murmurava: "Minha mulher! Minha mulher!"

Jane fugiu desvairada. Secreta intuição lhe dizia que descobrir-se a elle nesse momento seria perder tudo. A voz de Deryck parecia repetir-lhe ao ouvido: "Cuidado! si você faz questão da sua felicidade e da d'elle." Depois o prazo era curto. Com certeza na calma que succederia a essa tempestade, a necessidade de revel-a seria mais forte que tudo. A carta ainda não expedida seria novamente escripta e elle diria—"Venha!" e um instante depois estaria ella nos braços d'elle.

Sem ruído Jane afastou-se. Quando, uma hora depois, voltou do seu passeio com o doutor Rob o peito cheio de feliz anticipação, encontrou Garth de pé, encostado á janella, escutando os rumores diferentes que elle já principiava a distinguir. Quando voltou a cabeça, ao escutar-lhos o passo, pareceu-lhe impossível que os bellos olhos brillantes não estivessem mais ali.

— Então, esteve agradável o passeio no bosque? Simpson me levará até lá depois do almoço, por enquanto, miss Gray, se não está cansada, acabaremos a nossa tarefa, sim?

# Caminhos de ferro de alem-campa

## Linhos do paraíso e do inferno em combinação com as da morte e do Juízo

### Indicações para os passageiros de ambas as linhas

#### LINHA DO PARAÍSO

Saída dos comboios... a todas as horas.  
Chegada... Quando Deus quiser.

#### PREÇO DOS BILHETES

- 1<sup>a</sup> classe... Innocencia e sacrificio voluntario.
- 2<sup>a</sup> classe... Penitencia e confiança em Deus.
- 3<sup>a</sup> classe... Arrependimento e resignação.

#### ADVERTENCIAS

- 1º—Não se dão bilhetes de ida e volta.
- 2º—Não ha comboios chamados de *recreio*.
- 3º—Creanças menores de sete annos vão gratis, contanto que vão nos braços de sua mãe a Egreja.
- 4º—Os agentes e empregados da Empræza não terão abatimento de preço, mas receberão um aumento de ordenado em proporção de seus serviços.
- 5º—Aos passageiros não se permite mais bagagem que as suas boas obras, aliás expõem-se a perder a compostura, ou a serem detidos mais ou menos tempo antes de chegarem ao termo da viagem.
- 6º—Recebem-se passageiros em toda a linha, de qualquer procedencia, contanto que tragam os passaportes em regra e em papel de *marca romana*.
- 7º—O despacho central de bilhetes está soendo a todas as horas no tribunal da Peccâmena. Os que não poderem prosseguir a viagem por terem perdido o bilhete, poderão tancar-o no sobredito despacho.

#### LINHA DO INFERNO

Saída do comboio... A vontade do passageiro  
Chegada... Quando menos o pensar.

#### PREÇO DOS BILHETES

- |                       |   |               |
|-----------------------|---|---------------|
| 1 <sup>a</sup> classe | — | Impiedade     |
| 2 <sup>a</sup> classe | — | Sensualismo   |
| 3 <sup>a</sup> classe | — | Indiferençimo |

#### ADVERTENCIAS

- 1º—Toda a moeda em circulação com o sello do peccado serve, e sem desconto, para o pagamento destes bilhetes.
- 2º—Todos os comboios desta linha se chamam de *recreio*.
- 3º—Creanças menores de sete annos não circulam por esta linha.
- 4º—Os agentes ou empregados da companhia irão em 1<sup>a</sup> classe, por ajudarem a empræza em seus respectivos officios.
- 5º—Os passageiros levarão quanta bagagem quizerem, mas deverão deixar tudo, menos a alma, na estação da Morte.
- 6º—Dá-se transferencia d'esta linha para a do Paraíso, referendando-se o bilhete perante um Sacerdote, antes de o comboio entroncar com o da morte.
- Este comboio da morte nem varia nem volta nunca.
- 7º—Não longe da estação da Morte encontrarão os passageiros a do Juízo, e d'aqui seguirá cada qual, segundo a distribuição feita pelo Juiz Supremo, a linha que coaduz a seu destino eterno e irreversível.

# PHOTOGRAPHIA "MODELO"

J. Magalhães.

PROPRIETARIO DESSA PHOTOGRAPHIA TEM O PRAZER DE OFFERECER AO DISTINCTO PÚBLICO DESTA CIDADE OS SEUS SERVIÇOS PHOTOGRAPHICOS, GARANTINDO QUE EXECUTARÁ QUALQUER TRABALHO QUE LHE FOR CONFIADO, COM PRESTEZA, CUIDADO E ASSÉRIO, PARA O QUE DISPÕE DE LONGA

PRÁTICA,

TRABALHOS NITIDOS, EXPRESSIVOS E INALTERAVELIS POR PROCESSOS MODERNÍSSIMOS.

PRODUZ COLORIDOS E AMPLIAÇÕES EM TODOS OS TAMANHOS.

PREÇOS CONVIDATIVOS.

*D. Maria diutosa*

# FLOR DE LIZ

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA  
DA  
ACCÃO SOCIAL CATHOLICA FEMININA



MADAME FRANCISQUINHA BANDEIRA DANTAS

ANNO IV

número 26 de 1930

NÚMERO 2

CAJAZEIRAS-TARAHYBA





## "FLOR DE LIZ" n.º 2

O que contém no texto:

Passava por "Velha" —  
PIERRE L'ERMITTE

Visita presidencial

Mercado das humilhações

Notas elegantes

Como ser feliz — SEVERINA  
CASTRO ALVES

A situação da mulher na  
Alemanha

Modernismo — MARIA DAS  
DORES

Conversidades

O que dizem de nós

Pela ordem

O papel da mãe como e-  
ducatora

Uma saudosa memória —  
ROSENHÀ MENDES TAVA-  
RES

Malheiros e flores.

Educação física — OTILIA  
BRANCO

O Rosário (romântico)

Variedades

## FLOR DE LIZ

"Bêbo... vamos bem!"

Josette aganhou logo depois uma constipação que quasi lhe causou prazer, porque precipitou a perda dos famosos kilos, que ella tinha a mais — ao que parecia.

O velho carteiro, o pae, assistia impotente, essa destruição:

— Não estás doente?

— Não!

— Não comes mais?

— Não tenho fome. Agora já não se sente fome!

— Quasi que não te cobres...

— Hoje ninguém mais se cobre!

— Mesmo no inverno?

— Nunca tenho frio!

— Todos os animaes possuem entretanto a sua pelica quente no inverno.

— Mas... eu não sou um animal!

— Tosses?

— Ora!... uma cócega na garganta!

\*\*\*

Aconteceu afinal o que devia acontecer, abatendo a natureza sempre aquelles que vão contra as suas leis essenciaes.

Certa manhã, Josette foi obrigada a ficar deitada. Veiu o medico e saiu abanando a cabeça.

— Que achou?... pergunta lhe a porteira curiosa.

— Está com agua no peritoneo...

— O que significa isso?

— Tuberculose intestinal. E os pulmões não vão melhor.

— Então?

— Está perdida!

Como a porteira erguesse as mãos num gesto de pavor, o medico acrescentou:

— Perdida como muitas outras! Ficam aterradas com a febre typhoide... No enfanto, quantas victimas têm feito os saltos altos e os sapatinhos levavam a mergulharem na lama... as meias de seda em pleno inverno... as escupas de casca de cebola com que se esperam os cascos nas ruas humidas, varridas pelas correntes de ar!

— E os pais que só vivem para elle?

— Pae?... Mãe?... O passado de ambos?... O futuro?... Nada disso se leva em conta! Olha... a moda!... Como é rúbra

e pesada a responsabilidade daquelles que a lançam nas classes populares!

E o doutor pariu, abotoando cuidadosamente a pelica do sobretudo, antes de chegar á porta da rua.

\*\*\*

Enteraram-na outro dia, a Josette.

As companheiras mandaram-lhe uma coroa... Era isso bem pouco... depois de a terem levado á morte.

Os pais acompanhavam-na, desoladíssimos. Estavam tão longe de esperar semelhante e tão tragico desenlace.

Porque, afinal, a sua Josette era uma bella rapariga viçosa e sadia, descendente de uma geração robusta e forte.

**CERTA** vez Henri Rochefort, que era o homem mais caídoso do mundo, recebeu a visita de um cavalheiro, que lhe falou mais ou menos nestes termos:

— Senhor Rochefort, eu sei que o senhor ganha muito dinheiro e possue um coração de ouro. Por isso é que venho procura-lo para uma boa acção. Há entre os seus conhecidos uma pobre mulher que não come ha varios dias, por falta de recursos, e vai ser despejada da casa onde mora, porque não tem setenta e cinco francos para pagar o aluguel vencido...

— Pobre infeliz!... — murmurou Rochefort contristado, já levando a mão ao bolso, em busca da carteira.

— Sua miseria é muito grande e sua dor é profundamente chocante!... — acrescentou o vizitante. — Setenta e cinco francos não valem nada para o senhor... e para ella valem tudo... Salve, a, senhor Rochefort!... Por que ainda hesita, assim?...

— De-me o nome dessa desgraçada e o seu endereço... — pediu Rochefort, cujos olhos se avermelhavam á proximidade das lagrimas — Quero eu proprio confortar a...

— Não é preciso!... replicou o outro. — O senhor pode entregar-me o dinheiro... Está aqui o recibo do aluguel da casa da infeliz. Eu sou o senhor...

# Passava por "Velha"...

(Tradução de N. A.)



PIERRE L'ERMITE

...OS MEMBROS DA ORDEM DEVEM EVITAR O LUXO  
E TODA EXCESSIVA ELEGANCIA EM SEU EXTERIOR... — REGRA  
DA ORDEM TERCEIRA.

Era uma bonita rapariga de 17 anos, viçosa, sadia, descendente de uma geração robusta e forte.

O paes era simplesmente chefe de carteiros.

Empregado conscientioso, sem uma nota de censura de seus superiores. Durante seis anos fôra "substituto". Depois passaria para a secção de "impresso" e, durante dez annos consecutivos carregaria pesados volumes para a distribuição. Finalmente, destinaram-n'o á correspondencia.

Estimado pelos clientes, recebia gorjetas diariamente; e à noite, ao contal-as, dizia: "É para o dote da minha Josette". E que adorava a filha, viçosa e sadia, descendente de uma geração robusta e forte.

A mãe tambem gostava d'ella, da sua Josette, mas de modo diverso.

Preparava-lhe de manhã a chavena de chocolate ondulado de crème. Tornava-lhe o lar apetitoso e revigorante.

A noite, quando Josette voltava de seu "atelier", encontrava as chinelinhas bem quentes e a sopa a fumegar na terrina de louça florida.

E assim, nunca se constipava nem tinha enxaquecas.. "Ah! que linda filha temos!" dizia de igêas postas, a feliz mãe..

Alé mesmo, quando estavam sós, faziam os paes um projeto — um sonho. Procuravam já, entre as suas relações, composta de gente simples, um rapaz que serio em tuas mãos podessem resguardar a sorte da filha.

Porque, afinal, ella havia de casar-se, a cara Josette.

Entre tantas outras raparigas pallidas e mirradas, empoadas e tosqueadas, dava ella a impressão de um pecegueiro em flor, tão viçosa e sadia, descendente que era de uma geração robusta e forte.

\* \*

Mas um dia, como um nojento insecto pica uma bella fructa que amadurece ao sol, a inveja mordeu Josette com seus dentes de ferro.

As companheiras de trabalho sensiram-se na penumbra ao lado dessa linda flor humana, que se lhes não assemelhava, e começaram a trocar:

"Não se vêsta à moda.. não estava "em dia"! A moda exige um chapéu enterrado numa cabeça tosquiada.. A moda requer principalmente tudo chato, o triumpho do angulo recto, e da taboa de amassar pão.

Ora, Josette era como a flor que desabrocha livremente. Parecia ignorar os "ukases" dessa alta costura de que era módesita empregada. Tornava-se assim uma herética.. uma especie de desafio áquillo que diariamente se impunha alli ás doceis clientes.. Passava por velha!..

Velha!.. Josette!.. A bella e sadia creature, descendente de uma geração robusta e forte!

\* \*

Passava por velha.. Que bofeteada em suas faces de pecego! Josette não podia mais dormir. Folheou os catálogos. Effectivamente só viam nelles

mujeres de pão e cõr de tilolo.

Mirou-se ao espelho. Comprou... O seu pecegueiro em flor era evidentemente um anachronismo?..

Portanto, esse pecegueiro resolveu devastal-o e tornal-o um feixe de lenha. Recorreu á pintura, em substituição ao roseo natural. Cortou os lindos cabelos loiros..

Achavam n'a nutrida demais?.. "Pois então, Moda... aqui estou prompta para emmagrecer!..."

A partir desse dia a desgraça entrou no lar.

De manhã, nem chocolate nem leite.. ainda menos, manteiga.. Apenas uma chávena de chá..

—Mas, minha pobre filha, dizia a mãe implorando!..

—Nada de "pobre filha".

E a voz de Josette fazia-se resoluta:

—Estou ridiculamente gordal..

—Absolutamente!..

—Estou, sim... Dissera-m'ol.. —Invejosas!..

Ao meio-dia, longe das vistas maternas, deixou de comer. Uma chicara de chá com biscoitos, às 4 horas. A noite, suprimia o que podia e, regressando mais tarde, dizia que já havia jantado.

\* \*

O resultado foi rapido, principalmente nos ultimos mezes. Mirava-se ao espelho esperançosa.

Oh! como o pecegueiro perdera as bellas flores!.. As companheiras, ao reconhecerem-lhe o gesso, o "rouge" e o pescoco de guilhotina, exclamavam:

# PHOTOGRAPHIA MODELO

## J. Magalhães

PROPRIETARIO DESSA PHOTOGRAPHIA TEM O PRA-  
ZER DE OFFEREKER AO DISTINCTO PUBLICO DES-  
TA CIDADE, OS SEUS SERVIÇOS PHOTOGRAPHICOS  
GARANTINDO QUE EXECUTARÁ QUALQUER TRA-  
BALHO QUE LHE FOR CONFIADO, COM PRESIEZA,  
CUIDADO E ASSEIO PARA O QUE DISPÕE DE LONGA

PRATICA

TRABALHOS NITIDOS, EXPRESSIVOS E INALTERA-  
VEIS POR PROCESSOS MODERNISSIMOS

PRODUZ COLORIDOS E AMPLIAÇÕES EM TODOS OS  
TAMANHOS

PERÇOS CONVIDATIVOS

# Mercado das humilhações

De passagem por esta capital, há alguns dias, monsenhor Francisco MacDowell dirigiu-nos, de bordo do paquete "Pedro I", uma mensagem sobremodo expressiva de apoio e solidariedade à campanha do "O Nordeste", em favor da moralização dos costumes, a propósito dos concursos de beleza, attentatórios das nossas honrosas tradições cristãs.

Esse brado tem tido uma repercussão notável em todo o país, transcripta que vem sendo a carta daquele ilustre sacerdote na imprensa do norte e do sul, com referências encomiásticas à atitude desassombrada do bravo homem de Deus.

E que a missiva do monsenhor MacDowell encerra uma advertência oportunna, denunciando nos referidos certames de frivolidades o primeiro ensaio de assalto às trincheiras de defesa da santidade de nossos lares.

Muito bem afirma o eminentor orador sacro:—"O capitalismo apodrecido levantou, por seus jornais e agências telegraphicais, um arranha céu de mentiras para ludibriar o povo de nossa terra".

Classifica de crime pretender-se levar as senhorinhas patrícias ao "mercado das humilhações".

A Pátria, na expressão veraz de monsenhor Mac-Dowell, precisa de um único reclamo:—as virtudes austeras e glorioas da mulher brasileira!

O repúdio a essa "feira do pudor" não constitue, em verdade, um caso singular, de que apenas se ocupe a imprensa católica, zelosa da dignidade da família nacional.

Ainda recentemente, commentámos judicioso artigo do "Jornal do Recife" sobre esse malfadado assunto, em que o insuspeito diário pernambucano qualifica o atuado concurso de attentado ao devere colectivo.

Vimos, igualmente, ainda há pouco, que a jovem inglesa escolhida para vir ao Brasil representar Albion nessa exposição indecorosa recusou altivamente o encargo, declarando taxativamente que, desde pequena, teve sempre outra preocupação: — a de não ser idiota nem se prestar a ser joguete de idiotas...

Pedé a senhorinha, escolhida por um jury, em Londres, como expoente da beleza britannica, que a deixem em paz e tenham respeito a uma mulher que, acima de ser bella, se preza muito mais de ser honesta.

Que nobre lição de sensatez e de comprehensão exacta do valor insubstituível da formosura da alma!

Até no Mexico, o diario "El Nacional" externa, de maneira vehemente, a sua reprevação a taes processos.

Estranha aquelle jornal que se pretendia emprestar razões de eugenia aos pleitos para escolha das celebres rainhas.

Declara, então, que se sabe muito bem, tanto naquelle país, como nos Estados Unidos, onde periodicamente se realizam essas explorações, que se trata de uma coisa que não é seria, "destinada a jovens más ou menos bonitas e faceis, que aproveitam o triunfo da sua nudez, exposta como reclamo, para obter a notoriedade e posição que ambicionam".

Por tudo isso está claramente visto que monsenhor Mac-Dowell prestou um grande serviço á sociedade brasileira, clmando com o prestigio da sua cultura e da sua autoridade incontestáveis:—"Não vos deixeis embair! Guardae vossa família e defendei vossos lares!"

Seja ouvida, dos palacios ás choupanas, a palavra corajosa e esclarecida do digno ministro da Igreja.

# O que dizem de nós

## Como "O Rio do Peixe" noticiou a posse da nova directoria da A. S. C. F.

A sympathica agremiação de senhoras e senhorinhas desta cidade, que constituem a Acção Social Catholica Feminina de Cajazeiras, reuniu-se terça-feira, 18 do vigente para dar posse a sua nova directoria.

O salão do predio da Confederação Catholica, abrigando o que ha de melhor da sociedade cajazeirense, foi o theatro de importante manifestação de vida daquella pujante associação.

Apresentou-se á tribuna a exma sra. d. Odilia Leal, presidente, que fez o discurso relatório do período social que expôs e terminou pedindo ao representante da autoridade diocesana declarasse empossada a

nova directoria.

Em seguida uzou da palavra o revmo. sr. Pe. M. Gomes, que produziu magistral conferencia sobre o papel social da mulher, fazendo vibrar o auditorio em ruidosas palmas.

O representante da autoridade diocesana, revmo. Pe. Gervasio Coelho, que presidiu a sessão, para fazer o encerramento disse umas palavras de congratulação e de estímulo.

No curso de toda aquella festinha foi ouvida a Philarmónica S. José.

Dáqui levámos nossos aplausos aos membros da A. S. C. F., fazendo votos por seu florescimento.

# PELA ORDEM

Estamos ás portas de uma grande luta. Melhor diremos: estamos envolvidos em uma grande luta, na maior quiçá que já osentou a Republica.

A sucessão presidencial é sem dúvida um facto importissimo, e dizem os entendidos, o interesse que a nação vae fomando na solução do grande problema, é prova de que já ha uma consciencia na nacionalidade.

Pesa será si o desvario da paixão política obscurecer a noção do momento.

Sem contestação, não seriam dignos de um regimen de civilizados, se nos desinteressássemos da mais viva demonstração, amar as conquistas da liberdade.

Mas não nos esqueçamos de que sem o respeito ás instituições nunca teremos a sonhada grandeza de nosso Paiz.

Causa horror ouvir-se pregar a revolução como remedio para todos os males sociaes.

Não. Nunca. Em regra um mau governo ainda vale mais do que uma boa revolução.

Nós que não podemos correr ás urnas, que não podemos remediar por nós mesmas a crise, vamos buscar o grande remedio da oração. Deus pôde tudo o que não podemos e elle ama com certeza o paiz em cujo céo traçou o symbolo da paixão de seu Filho. Deus ama o Brasil. Peçamos que nos livre do mal revolução.

## O papel da mãe como educadora

Uma senhora estadunidense, mrs. Dorothy Confield Fisher, mãe de duas crianças, desejou encarregar-se conscientiosamente da tarefa sagrada de educar as e verificar, estupefacta, que lhe faltavam absolutamente as noções para isso indispensaveis. Bastante intelligent para fugir ás improvisações e aos expedientes, ella começou por concentrar a sua atenção em um exame duplo—o exame de seus filhos e o exame de si mesma.

Dali resultou um trabalho em que ella expõe, de forma agradavel e bem humorada, as suas observações, as suas experiencias e enuncia as regras amplas e equitativas que podem guiar o educador moderno e ajudal-o a resolver os problemas communs na vida quotidiana.

Diz-se o educador moderno, porque as relações humanas vêm soffrendo grandes transformações exteriores e não só as relações entre pais e filhos já são hoje muito diferentes de ha alguns annos atrás.

As soluções applicadas á educação infantil já não servem, por não estarem mais em harmonia com a sociedade contemporanea: Para educar o melhor possível as crianças, neste momento, é preciso buscar, entre as vaidades humanas e sociaes de todos os tempos, aquellas que se revelaram mais solidas, mais confortadoras e essas devem constituir principios basicos da família.

# Uma saudosa memória

A morte, como já disse alguém, "é a finalidade da vida". Como é triste e doloroso vermos succumbir no tumulo um ente que nos é tão querido, um ente que muitas vezes é o nosso ídolo, o nosso enlevo, a nossa alegria!

Separarmo-nos daquelles que nos são caros, é sorver um calix de amarguras, é ferir, uma por uma, todas a fibras dos nossos corações, é commover todas as cellulias do nosso Eu.

E eu com a alma transida de dôr quero traduzir nestas linhas o sentimento da amizade que eu nutria por aquella mulher cujo nome pronuncio com o mais profundo respeito, com a mais terna admiração, cuja silhueta trago na tela de meu pensamento, recordando-me sempre dos seus ternos conselhos, os quaes ella derramava como os de mãe num coração de filha.

E esta é a minha boa sogra e tia, Honorina Mendes, que morreu, deixando um vacuo aberto no coração de todos os seus, vacuo que nunca será preenchido, porque elles sentirão sempre a falta de seus carinhos, e daquelle desvelada amizade que para elles era um verdadeiro bem.

Desde creança fôra sempre muito terna e como filha era o exemplo da obediencia.

Fui testemunha do quanto se desvelava por seu velho pae nos ultimos instantes; e mesmo durante a sua vđda recordava factos em que demonstrava entranhado afecto e tocante ternura pelos autores de seus dias.

Como esposa exerceu no seu lar uma tarefa nobilissima e extremamente solícita com seu esposo, procurava satisfazê-lo em tudo, partilhando com elle nos triunfos e nos infortúnios, suavizando a sua ação com o carinho, velando pela sua saúde e tranquilidade de espirito.

E naquelle lar bendito, dava ella o exemplo da moralidade perfeita formando desde cedo o caracter de seus filhos.

E na bella tarefa de mãe, foi ella uma verdadeira apostola do bem; cercava os filhos extremercidos de suas mais ternas caricias ensinando-lhes o caminho da honra, da virtude e da religião.

Quantas vezes numa contrariedadade numa doença, consolava o meu querido esposo, suavisando-lhe o sofrimento com meiguice que o enfermeira, com palavras que o enchiam de consolação.

E finalmente para todos de sua família, a sua vida foi um verdadeiro exemplo, todos a queriam, todos a amavam.

Deus, purem, nos seus sabios designios cortou o fio de sua existencia, deixando plantada a arvore da saudade que ha de criar raizes profundas e a sua grande copa ha de sombrear a alma triste de todos.

E eu como uma das noras que a estimava muito, que tinha por ella uma admiração toda particular deixo impresso nestas linhas o sello de minha sincera amizade.

Dorme, pois, mãe querida, o sonno eterno, mas a tua memoria será sempre lembrada.

Sobre o teu tumulo, derramarei petalas de saudades regadas com as minhas lagrimas.

Aos revmos. padres Abdón Pereira e Manoel Gomes que prestaram os seus auxiliios nos ultimos instantes de sua vida, a todos aqueles que tiveram a generosidade de acompanhar os seus restos mortais até o Campo Santo, ainda uma vez a nossa expressão de verdadeiro agradecimento.

ROGINHA MENDES TAVARES

pata o alívio do fardo do reconhecimento.

—Obrigado, respondeu Garth sorrindo; ainda a contrição sem diminuir o reconhecimento. E agora, vá almoçar. E perdão-me Brand, mas... Garth hesitou um instante corando como uma creança.

—Estou desolado com a idéia de você comer sózinho, desde que miss Gray está ausente. Aborreço-me, creia, mas... mas tomo sempre minhas refeições em particular. Simpson me serve.

Garth não pôde ver o olhar de compreensão do doutor mas o tom cheio de simpatia da voz deu-lhe coragem de acrescentar:

—Nem sequer pude ainda aceitar a presença de miss Gray. Comemos sempre separadamente. Você não imagina o que é procurar um pedaço de qualquer coisa no prato, recebendo que elle já não esteja passeando na toalha!...

—Não posso imaginar replicou o doutor, e nenhum de nós o imagina sem ter feito essa dura experiência; mas como é que Simpson o escanha menos do que miss Gray, que tem profissionalmente, o hábito dessas coisas?

Garth enrubesceu de novo.

—Simpson, sabe, é quem me barbeia, me veste, passeia comigo e, embora seja sempre duro, é duma dureza à qual já me vou a costumando. A situação resume-se nisto: Simpson representa os olhos de meu corpo, miss Gray os de meu espírito. Sabe que ella nunca me tocou, nem mesmo para um aperto de mão? Gosto disto pois ella não é para mim senão uma voz, uma voz maravilhosamente caridosa. Parece-me que não poderia mais viver sem ouvi-la.

Garth tocou o tympano, dando ordem a Simpson de levar o doutor Brand ao seu quarto e de servir-lhe o almoço. Deryck levantou-se, vestiu-se e almoçou com apetite. Estasiava-se justamente com o café da velha Margery, quando esta apareceu. Elle imediatamente lhe perguntou onde fazia aquelle delicioso café.

—Num pote de barro, respondeu a velha caseira. O senhor quereria ter a bondade de vir comigo, sem fazer bulha, quando acabar de almoçar? Sem bulha sobretudo? repetiu Margery precedendo o doutor.

Subiram devagarinho a escada e seguiram por um corredor bastante sombrio, recoberto de espesso tapete cujas paredes eram ornadas com velhas gravuras e feixes d'armas.

—Para onde me leva, Margery? indagou o doutor, adaptando o andar ao passinho curto da boa mulher.

—Vai saber-o já, doutor; estamos chegando.

Na extremidade do corredor parou, bateu de leve numa porta e abriu-a cochichando misteriosamente:

—E aqui, doutor, miss Gray o espere; e Brand num confortável salãozinho em cuja lateral brilhava um bom fogo. Jane sentou-se numa poltrona de alto espaldar, com os pés mas achás. O doutor só lhe virá a princípio o alto da cabeça e a barra da saia das calças.

—Deryck, disse sorrindo, é você? Entre e feche a porta! Estamos bem sós? Venha aperiar-me a mão, sem e que vou procurar-o por ahi...

Num relance o doutor se approximara e, de joelhos deante da cadeira, tomou as mãos que se lhe estendiam incertas:

—Oh! Jane! Jane! balbuciou com a voz travada de surpresa e de emoção.

Os olhos de Jane estavam cobertos por uma espessa venda, um lenço de seda grossa e preta, solidamente amarrado sobre as tranças fartas. Havia qualquer cousa de pathético no espectáculo d'aquella mulher solitaria, nesse salãozinho iluminado, os olhos vendados á luz...

—Amigo, respondeu a moça com um meigo sorriso, parti até o fim da semana para o paiz onde reina a treva. Oh, Deryck, era preciso que eu fizesse esta viagem. A unica maneira de ajudar efficazmente meu pobre Garth era saber com precisão o que representa para elle o facto de ser cego e isto nos seus mínimos detalhes. Eu não tenho muita imaginação e, como elle nunca se queixa, ignoro o que ha de mais penoso no seu estar. Só me restava um meio para descobril-o: ficar céga como elle durante quarenta e oito horas. Margery e Simpson comprehenderam-no logo e me auxiliaram no que pôdem. Simpson me garante o campo livre, se vou subir ou descer. Seria uma complicação indesejável o encontro dos dois cégos! Margery me ajuda em tudo que não posso fazer sozinha e você não calcula quanta cousa, Deryck, quanta cousa... E depois esta horrivel escuridão, esta cortina preta sempre na frente da gente rígida qual um muro... insondavel como um abysmo onde parece que a gente vai ser tragada. E da escuridão sobem vozes. Se falam muito alto, batem feito martellos, e se são indistintas, desnorteiam o entendimento. E o despertar de manhã na mesma escuridão envolvente da noite!.. Só o experimentei uma vez, pois comecei a prova hontem, antes do jantar, mas já a estou temendo amanhã de manhã. Imagine o que deve ser ter sempre, sempre semelhante despertar sem nenhuma esperança de sol! E as refeições...

—O que! você conserva a venda durante as refeições? exclamou o doutor commovido-simo.

—Naturalmente, e você não faz idéia da humilhação de encontrar na toalha um pedaço que a gente julgava no prato! Não me admire mais que meu pobre Garth recuse deixar-me assistir á suas refeições, mas depois de meu período de experiência espero que consinta, pois saberei vencer para elle as dificuldades. Oh! Deryck, tive de me decidir a empregar este meio, porque não havia outro.

—Sim, concordou o doutor, soturnando o enternecimento quo Jane não lhe podia ver na physionomia; sendo o que você é, deixa tempo.

—Ah! como estou satisfeita que você me ajude a necessidade. Recebia que a julgasse querelá e inutil. Era preciso que fosse agora.

voz suave, pois se elle me perdoar, fia de ser este o belo fim da semana que ficarei longe d'elle. Amais que me perdoará?

—Ah! minha pobre amiga, que lhe posso dizer? replicou o doutor com emoção. Vamos, explique-me bem a cousa: você não tirou um instante este lenço?

—Só para lavar o rosto de manhã, respondeu Jane sorrindo, e ficou os olhos fechados, o mais possível. Durante a noite esta venda aqueceu-me tanto a cabeça que a tirei alguns momentos para poder dormir; mas tornei a amarrá-la antes de amanhecer.

—E conta conserva-a até amanhã cedo?

Jane sorriu, adivinhando o alcance da pergunta.

—Até amanhã á noite, Deryck, disse com doçura.

—Mas, Jane, protestou indignadamente o doutor, você tem de me ver antes que eu parta! Seria levar demasiado longe a experiência.

—Não, reforçou Jane, curvando-se para elle. Oh! Deryck, é-me tão penoso ouvir-o sem vel-o! Creia que comprehendo qual será sempre o mais rude dos sofrimentos d'elle!...

O doutor achegou-se á janella, assobian-do para disfarçar a emoção. Jane percebeu que elle iurava contra a propria contrariedade; esperou pois pacientemente, que cessasse de assobiar dentro em pouco sentiu ouvir o rir baixo e vir sentar-se á seu lado.

—Você sempre foi d'estas pessoas que vão átē o fundo das cousas. As meias medidas não lhe convém. Tenho, pois de concordar com o que planejou.

Jane procurou a mão do doutor.

—Amigo, disse ella sinto que me vai ajudar tambem, mas nunca o senti tão perto de ser egoista!

—Ha em todos nós dois homens, tornou o medico, e cada um d'elles é para nós temeroso de condecorado. Nós outros, machos, entendemos sempre ocupar o primeiro logar em relação ás mulheres que nos tocam de perto, e não só com aquellas que exclusivamente nos pertencem, mas ainda com as sobre as quais pensamos ter direitos: filhas, irmãs, parentas e amigas. Assim o quer a natureza, que é preciso aprender a vencer. Agora deixe-me dar-lhe a sua capa. Costumo remexer sempre nas cousas de Flôr, e sei bem como se deve fazer. Não? Não quer, alma de pouca fé?! Está bem, manda-lhe ei Margery, então. Mas não se demore. Conversaremos mais livremente lá fóra e você talvez faça descobertas que poderão servir para guiar mais tarde o nosso amigo. Pense um pouco! Si você cahir na escada com elle, Jane! Uma pessoa que faz tão esplêndido café!

#### PONTO DE VISTA MASCULINO

Profunda tranquilidade reinava na biblioteca onde Garth e Deryck fumavam em silêncio, mergulhados na sensação de beatitude que se segue sempre a um bom jantar num dia passado ao ar livre.

Pensava que Jane não pudesse ver os dois homens: Garth no smoking elegante que lhe assentava tão bem ao talhe esbelto, o doutor em traje de noite dos mais impeccaveis, pois sabia que Jane fazia questão d'essas minúcias e não reflectia que ao pé da letra ella não teria olhos para olhal-o!.

Garth sentara-se junto á lareira pois o calor da chamma era muito agradável nessa fresca noite de primavera.

—Que me dizia você ainda ha pouco a respeito da enfermeira? Que ella não lhe apertava nunca a mão? perguntou de repente o doutor.

—Sim, replicou Garth, mas não será uma regra de confraria, corporação ou instituto ao qual pertence que veda ás enfermeiras de apertar a mão aos doentes?

—Não, que eu saiba.

—Então foi a intuição de miss Gray que a levou a agir precisamente como eu quizera que agisse. Nunca me apertou a mão nem de maneira alguma me tocou. Mesmo passando-me as cartas ou objectos como faz-umas vinte vezes por dia, seus dedos nunca nem siquer roçaram os meus.

—E isto lhe agrada? Interrogou o doutor lançando ao ar baforadas de fumaça entre as volutas da qual observava attentamente o bello rosto sem olhar.

—Sou-lhe muito reconhecido, disse Garth com ardor, por este requinte de delicadeza. Sabe você, Brand, que quando me propoz mandar uma enfermeira-secretaria, eu senti logo que me seria intoleravel deixar-me tocar por uma mulher?

—Você com effeito m'o disse.

—Que?! realmente. Devo-lhe ter parecido muito urso..

—Absolutamente; apenas um doente pouco vulgar. Em regra geral os homens..

—Ah! bem sei, interrompeu Garth com certa impaciencia; houve um tempo tambem em que o contacto de uma dóce mão feminina meeria agradado e é provavel até que de passagem, quem sabe? eu a tivesse beijado. Fazia estas cousas outrora levianamente... Mas Brand, quando um homem sentiu uma vez na d'elle a mão d'aquella que, unica para elle, é "a mulher", esse contacto torna se tão preciosa lembrança que, mergulhado na noite, esta lembrança é uma das poucas cousas que ficam e consolam. Não acha, pois, razoavel que qualquer outra mão de mulher se lhe represente como um objecto de receio?

—Acho, respondeu lentamente o doutor, não fiz esta experiência, mas comprehendo-o. Sómente, meu amigo, não vejo porque, se a "mulher unica" existe para você, não está ella aqui, a seu lado, no lugar que lhe pertence de direito, desde que o contacto de sua mão o consolaria..

—Sem duvida! concordou Garth, accendendo outro cigarro, mas na realidade isto importa em dizer que desde que ha uma vista exaplendida no terraço eu devo forçosamente ver. A vista ahí está, mas a minha cegueira

me impede de vel-a.

—Em outros termos, afinal o doutor, compreendeu-seia ella para você a "mulher única", não é você o "homem único" para ella?

—Não, respondeu Garth com amargor, acenando num suspiro: não sou aos olhos dela senão uma criança.

—Digamos antes que você não soube discernir o que era para ella, nem lh'ô fazer compreender, prosseguiu Deryck Brand sem parar de perceber as ultimas palavras; é preciso ás vezes tempo e paciencia para provar certas coisas a uma mulher.

Garth levantou a cabeça num sobresalto de surpresa.

—Pensa você realmente o que está dizendo?

—Penso, retrucou firmemente o doutor, no homem, a revelação da "mulher unica" é fulgurante; nella, ao contrario, a convicção reciproca não se produz senão gradualmente, aos poucos, como o raiar do dia.

—Oh, Deus! murmurou Garth. Para nós foi assim. Ella para mim foi logo "minha mulher", meu coração deu-lhe sem hesitar esse nome. No dia seguinte tratava-me ella de criança, uma criança que não se pôde levar a sério. Onde vão parar as suas theorias, Brand?

—Não fale de theorias, meu velho, mas deixe-me dizer-lhe: Adão fez muito mal de não ter corrido imediatamente atraç de Eva.

Garth, inclinado para a frente, agarra os braços da poltrona. Esse tom de calma segurança acordava nelle duvidas sobre a maneira com que encara a situação, as primeiras que lhe vinham ao espirito desde o instante em que, tres annos antes, deixara a igrejinha de Shenton. O doutor viu-o empallidecer mortalmente e gotas de suor lhe humedeceram a testa.

—Oh! Brand, implorou num ofego — eu estou cégo, seja misericordioso! Tudo para mim tem tanta significação nestas trevas...

O doutor reflectiu. Si as enfermeiras e a ilumna lhe tivessem podido ver a expressão do rosto, teriam dito que estavam praticando uma operação delicada e perigosa, da qual ao mais leve desvio de bisturi podia resultar a morte do paciente, e teriam tido razão, pois a sorte de dois entes tremia ali na balança, dependendo nesta crise da segurança e leveza da mão do operador.

Este rosto angustiado, com o suor de agonia na fronte, este appello tragicó: "eu sou cégo..." não havia entrado nas previsões do doutor. Era um aspecto do companheiro que não podia afrontar sem emocioção. Mas a ideia de que lá em cima os olhos vendados d'aquelle que esperava o acompanhavam da sombra e as suas mãos supplicantes se lhe estendiam, reacitava os nervos do medico.

—Você pode estar cégo, Dalmain, respondeu num tom obstinadamente comedido, mas não é necessariamente um imbecil, agora.

—Certo, agora? Tal-a-ja sido então ou não?

—Como posso julgar? Conte-me clara-

mente as coisas do seu ponto de vista e eu darei opinião sobre o caso.

Seu tom era tão suave que teve sobre Garth um effeito calmante, inspirando-lhe ao mesmo tempo uma deleitosa sensação de segurança. O doutor falaria por certo nesse tom de uma angina ou uma dor sciatica. Garth debruçou-se na poltrona, meteu a mão no bolso interno do casaco, apalpando uma carta que lá se achava. Ousaria elle? Devia conceder-se emfim o allivio de falar da sua magoa a um homem em quem podia confiar inteiramente, evitando entretanto o perigo de trahir o nome de Jane deante de quem tão bem a conhecia?

O doutor esperava em silencio. Ao cabo de uns instantes Garth decidiu-se:

—Brand, se, como você teve a bondade de sugerir, eu me der o extremo allivio de confiar-lhe o meu segredo, promete não tentar advinhar a pessoa de quem vou falar?

—Meu caro amigo, declarou Brand com uma bonhomia que reforçou a confiança de Garth, não procuro nunca advinhar o segredo de ninguem. É uma distracção que não me attrahe.

—Obrigado. Pessoalmente eu nada queria esconder. Mas o devo a ella; que não lhe toquemos no nome, pois.

—Tem razão, meu amigo, eu não o interromperei.

—Direi as cousas o mais resumidamente possivel, começou Garth com recalcada emocioção. Conhecia-a há muitos annos e encontrava-a em todos os logares onde a gente se encontra. Sempre me sympathisara com ella e lhe dera apreço ás opiniões. Era para mim uma camarada e amiga como o era para os outros, mas ninguem nunca se lembraria de associar-lhe uma ideia de amor. A gente sentia prazer em estar junto d'ella, sem poder dizer porque. É impossivel descrevel-a... Ella era... era... era...

O doutor viu o nome de Jane tremer nos labios de Garth e não querendo estancar a onda das confidencias:

—Sim, comprehendo o que quer dizer... Entao?

—Tive muitas paixões, continuou a jovem voz ardente, ou antes muitos entusiasmos estheticos. Só via a belleza nas mulheres e a belleza me enfeiçava. Nunca pensara em casamento, limitando a pintar o retrato das que admirava. Mães, filas e vélhas casadouras imaginavam logo que eu queria desposar meus modelos, mas as moças, essas sentiam logo o contrario. Admirava-lhes a belleza apenas e elles entendiam perfeitamente de que taor era esta admiração. De uma bonita mulher eu só queria um favor: que me posasse para o retrato. Aos maridos eu não podia estar explicando isto a toda a hora. Mas as mulheres me comprehendiam tão bem que nenhuma hoje se levanta, na minha escuridão, para me censurar.

—Você foi mal julgado, disse Deryck, mas eu não credito.

—As duas boicas mulheres que exercearam influencia sobre mim foram minha mãe e Margery Grann, que eu abraço e beijo todas

as vezes que saio ou entro. Estes laços de infância são os mais sagrados da vida. As casas ficaram assim até certa noite de Junho, há menos já. Ela e eu nos achavamos hospedados no mesmo castello, uma deliciosa moradia. Uma tarde conversámos com mais intimidade do que de costume, e eu pensei tanto em casar-me com ella como com Margery. Mas sobreveio um incidente (não posso dizer qual, senão o reconheceria) e a mulher, a esposa, a mãe se me revelaram, num instante maravilhoso, em toda a perfeição de uma alma pura e intacta. Foi uma revelação de ternura de que nasceu um desejo insoffreavel, um desejo que nada saciaria nunca até o dia de juntos nos encontrarmos na celeste mansão, lá onde não haverá nem lagrimas, nem dôres, nem trevas...

O bello semblante sem olhar brilhava iluminado pela chamma da lareira. A lembrança do passado evocava para Garth a visão do futuro. O doutor ficou immovel, esperando que a impressão se atenuasse.

— Pois bem, continuou a voz, comprehendi logo que a amava e a desejava; senti que a presença d'ella me illuminava o dia e a sua ausencia tornava mais fria e escura a noite. E todos os dias se fizeram radiosos porque ella estava ali.

Garth, o peito arfante, parou um momento. A voz incisiva do doutor elevou-se:

— Era sem duvida bella, bonita, sedutora?

— Uma bella mulher? Ah! meu Deus, não... Bonita? Não sei dizer...

— Mas, você não lhe quír pintar o retrato? — Pintei-o, confessou. Gart baixinho com intraduzivel ternura, e os dois retratos que d'ella fiz de memoria, embora acabados na tristeza e na solidão, contam entre minhas melhores obras. Ninguem os viu até hoje, e ninguem, os verá, a não ser a pessoa nos olhos de quem tenho de confiar para que m'os traga... para serem destruidos...

— E esta pessoa?... interrogou o doutor.

— Será miss Rosemary Gray.

O doutor arranjou com a ponta do pé uma acha que queimava alegremente na lareira.

— Escolheu bem, aproveu, fazendo sério esforço para dominar o contentamento que da physionomia lhe podia passar para a voz. Miss Rosemary será discreta. Mas, em summa, é-me permitido pensar que ella era bonita?

Garth parecia perplexo.

— Não sei, respondeu lentamente, como se reflectisse; não posso vel-a como a vêm outros olhos. A visão que d'ella tenho no instante que tudo illuminou, inclue espirito, alma e corpo. Sua alma era tão bella, tão nobre, tão feminina, que o corpo que a revestia lhe compartilhava da perfeição e se me tornava infinitamente caro.

— Comprehendo, disse afectuosamente o doutor; e de si para si: — Jane, Jane! você não tinha vedada nos olhos e era céga nesse tempo?

— Tinhamos, então, dias admiraveis, confidou Garth; tudo me parecia tão simples e harmonioso, que não imaginava que o não fosse para elle. Conversavamos, fazíamos musica pa-

tavamos de todos excepto de nós; porque es-tavamos de pleno accordo, pensava eu. Toda vez que a via achava-a mais perfeita e mais mulher. Nouva entre nós uma separação de tres dias, encontrando-nos depois num fim de semana em outra casa amiga. Como associassem meu nome ao de uma jovem americana, muito linda, a proposito de um gracejo d'ella a respeito, tomei a resolução de lhe falar sem detença. Pedi-lhe que fosse ao terraço. Estávamo-sós; fazia um luar magnifico, um luar como nunca vi...

A voz de Garth sussobrou num longo silencio, articulando depois uma surdina de profunda emoção:

— Eu lhe falei.. Vi que ella me comprehendia, julguei que me acceptava e me envolvia com o seu amor, como eu a envolvera com o meu. Mas enquanto imaginava que me comprehendesse e correspondesse ao appello de todo o meu eu.. ella esforçava-se por ser boa e indulgente.. pois não comprehendera...

— Tem certeza? insistiu o doutor com a voz rouca.

— Certeza plena. Ouça-me quando lhe dei o nome que esperava ser o d'ella em breve futuro: "minha mulher", vejo-a ainda: ergueu-se num sobresalto e me repelli, mas sem colera, pedindo-me uma noite para reflectir. Marcámos um encontro no outro dia de manhã, na igrejinha da aldeia; dar-me-ia ali a resposta. Você talvez me vá julgar obtuso de fatuidade, mas nunca me julgará mais severamente do que eu proprio. Imagine que tinha a certeza de ser acceito. Ella veio e, como eu só por forma lhe pedisse a resposta, declarou-me gravemente, categoricamente que não lhe era possivel casar-se com uma creatura!

A voz de Garth estrangulou-se-lhe na garganta e a sua cabeça cahiu-lhe sobre o peito, como a um condenado. Chegara ao ponto em que a vida, para elle, deixara de se oferecer sob o aspecto de dantes...

O doutor sentiu um arrepio. Sabia que o transe fôra muito mais doloroso do que o pobre Garth o dizia. Viu o homem que amava Jane, cégo e revivendo eternamente esta scena que nenhum olvido jamais apagaria. Uma onda de comiseração o inclinou para Garth e, pou-sando-lhe ternamente, a mão no ombro:

— Pobre rapaz! murmurou, pobre, pobre rapaz... E permaneceram os dois muito tempo silenciosos.

#### O DIAGNOSTICO DO MEDICO

Por essa bella manhã de domingo Jane e o doutor Brand galgavam um estalho em si-guezague, que do terraço levava ao bosque de pinheiros. Dois troncos de arvores derrubadas, collocados em pleno sol, e dominando um panorama admiravel, lhes offerciam assento. O doutor acabava de contar a Jane a conversa da noite precedente.

— Porque não lhe deu sua opinião? expregou elle.

— Não dei opinião, nem expliquei nada.

Deseja a acreditar no que acredita porque é o único meio de mantê-la no pináculo em que a colocou. Não hei de ser eu que a faça cair.

—Cairia nos braços d'elle, respondeu audaciosamente Jane, prefiro este lugar ao pináculo.

—Permita dizer-lhe, filha, que é bem mais provável cair você no primeiro trem de partida para Londres. Eu até já a estou vendendo.

—Oh! Deryck, suspirou Jane passando o braço pelo do doutor e recostando nesse os olhos vendados; que tem hoje que está tão má commigo? Torturou-me ainda há pouco repetindo as palavras de Garth e agora, em vez de me confortar, censura-se, zomba de mim e deixa-me atrapalhada.

—Censuro-a, sim, mas quanto a deixá-la atrapalhada, não. A noite de ontem não foi brincadeira, asseguro-lhe. Vi que devastações pôde exercer na vida de um homem a mulher amada. Acordei hoje de manhã com a sensação de ter levado uma sóva.

—E eu? Não avalia então o que eu sinto?

—Você pensa ter razão e enquanto pensar assim seu caso será um caso perdido. É preciso aprender a dizer: "Reconheço o meu erro, perdoem-me".

—Mas eu agi pelo melhor, pensei nesse antes de pensar em mim.

—Isto não é a estrita verdade, Jane; você pensou primeiramente em si. Não teve coragem de arrostar a possibilidade de um esfriamento no amor e na admiração d'elle. Todo o amor é egoista, salvo o amor materno.

Ah! gemeu Jane, sinto-me perdida n'essa escuridão. Se ao menos pudesse ver seus bons olhos, Deryck, sua voz me pareceria menos dura.

—Pois tire o lenço dos olhos e olhe, aconselhou o doutor.

—Não quero! declarou Jane com violência; teria eu feito tudo isto para sossobrar no porto?

—Minha filha esta privação voluntária da vista cemeça a atacar-lhe os nervos. Tome sentido que não vá resultar mais mal do que bem. Os remedios violentos...

—Psiú! fez Jane estremecendo; ouço passos.

—A gente sempre ouve passos num bosque, —replicou elle, calando-se e prestando ouvidos.

—É o passo de Garth, disse Jane baixinho. Deryck, vá ver. D'aqui se enxerga o atalho em baixo.

O doutor deu alguns passos, voltando depois a Jane.

—Sim, confirmou elle, a fortuna nos favorece. Dalmain sobe o caminho com Simpson; estará aqui em três minutos.

—Diga antes que a fatalidade me perseguia, Deryck. E a mão de Jane levantou-se rapidamente para a venda que lhe tapava os olhos; o doutor mal teve tempo de agarrá-la e logo no momento em que la arrancou-a.

—Não faça isso, ordenou baixo e depressa,

se não sobre no ultimo instante. Sou capaz de manter dois cegos à distância um do outro. Tenha confiança em mim e fique sozinha. Como não comprehende que a fortuna nos favorece? Dalmain vem pedir a minha opinião sobre o que me confiou. Você o ouvirá. Será uma economia de tempo para nós dois o presenciar você o modo com que vai aceitar meus conselhos. Agora, não se mexa, pois se se mexer serei forçado a dizer que é um esquilo e a atirar-lhe algumas pinhas para afugental-a.

O doutor dirigiu-se lentamente a uma dobradiça estreita do atalho; Jane ficou só, no escuro.

—Então, Dalmain, por estas alturas! disse o doutor indo-lhe ao encontro. Podemos dispensar Simpson. Tome meu braço.

—Pois sim, replicou Garth; disseram-me que você estava aqui e eu cá vim ter.

Simpson retirou-se e os dois homens apareceram na clareira.

—Está sozinho? indagou Garth. Pareceu-me ouvir vozes.

—Com efeito confirmou o doutor, falava com uma moça.

—Que especie de moça?

—Ah! uma rapariga robusta que se me afigura de humor bastante susceptível.

—Conheço-a, é a filha mais velha do ladrineiro; tem muitas preocupações, a pobre.

—Bem me pareceu. Quer sentar-se neste tronco de arvore? Lembra-se da visão que há aqui?

—Sim, lembro-me ainda, apavora-me parem averiguar quando, uma a uma, as imagens mentais se embrulham e se esbatem na minha cabeça, excepto...

—Excepto?

—O rosto d'ella!

—Ah! meu amigo, esqueci a promessa de dar minha opinião acerca do que me confiou. Reflicci seriamente a respeito; estamos perfeitamente bem aqui para conversar.

—Tem certeza de estarmos sós? perguntou Garth inquieto; parece-me sentir outra presença ao redor de nós...

—Quem é que está completamente só num bosque, caro amigo? Mil pequenas presenças innumeráveis nos rodeiam. Si quizer a verdadeira solidão, evite os bosques.

—Sim, acquiesceu Garth; mas falava de uma presença humana.. Aliás, Brand, devo dizer-lhe que vivo constantemente obsedado pela sensação de uma presença invisível em torno a mim. Outro dia teria jurado que ella, a "mulher unica" me contemplava em silencio, cheia de dó e de meiguice.

—Quando teve essa sensação?

—Recentemente, o doutor Robbie nos contara como o acaso o puzera em presença de.. Ah! não posso revelar! Miss Gray e elle me tinham depois deixado só e na minha treva solitaria senti os olhos d'ella sobre mim.

(Continua)

Proprietário: Dr. Joaquim  
Silveira & Filho  
- B -  
Cidade T - Pelotas  
- A -  
Município de Pelotas - PARANÁ





# Directoria da "Flor de Liz"

## PRESIDENTE

1º Vice-Presidente — Izabel Salles Carfaxo  
2º Vice-Presidente — Aline Rolim Carneiro  
Secretaria — Rosa Mendes Tavares

## ODILIA LEAL

Vice-Secretaria — Cynthia Mendonça Mattos  
Thesoureira — Maria Assis Ramalho  
Vice-thes. — Victoria Bezerra de Mello

**N**UM pobre quarto, nos fundos de um escuro corredor, uma jovem mulher muito pálida, com uma menina que podia contar, talvez três anos, esperam a chegada do esposo e gae.

A mulher só muito difficilmente contém as lagrimas. A menina chora pedindo pão. Afinal a mulher cai de joelho deante de uma imagem da Virgem Dolorosa que pende da parede e lhe estende as mãos numa prece ardente.

Instantes após ouvem se passos e ainda bem la moça não se tinha erguido, a porta abriu-se e entrou a marido que se deixou cair numa cadeira.

— Sophia — diz elle;

— Outra vez, nada. Procuro aquelle acolá, recorro a este e aquelle e, nada. Não ha trabalho.

E que ainda não recorreste a quem devias recorrer antes de tudo, respondeu a mulher. Olha meu João resa e pede a Deus que nos ajude. Elle é omnisciente e está sempre prompto a nos defender.

— Ora, mulher — diz o esposo — Deus tem mais que fazer, do que attender a um miserável como eu. Porque, si é que elle existe, consente que tu sofras? Já não falo de mim, eu atinal não vou afaz de religião. E nossa Verinha? Que mal faz esta inocente para estar condenada a fome e á miseria?

— Tu mesmo explicas o motivo — respondeu a esposa. Não gás, não praticas o catolicismo. Queres então participar das bençãos de Deus, tu só tens de tua família te afastares diametralmente? Vai meu João resa, gás, com humildade

e confiança. Es tão bom em tudo, e si pedires mesmo com fé e

## UM CARNAVAL ORIGINAL

## I

confiança, a nossa miseria terá fim. Deus é tão bom e seu Filho disse:

«Pedi e recebereis».

Durante este dialogo entre os pais, a menina se sentara sob os joelhos paternos e enlaçando-lhe o pescoço pediu:

— Papai, estou com tanta fome, dé-me um pedaço de pão.

O homem levantou-se, beijou a filhinha, dizendo:

— Sim, Verinha, vou buscar pão, nem que... e saiu precipitadamente.

## II

Nesta mesma manhã, Sylvia e Lydia, as duas filhas do rico industrial Moura, iam a caminho da Igreja para assistirem á missa. Mas sua conversa não era sobre religião.

Versava, nada mais, nada menos do que em torno do carnaval. Iriam, depois da missa fazer as compras para as festas.

O pai, na véspera, lhes dera o dinheiro, como fazia todos os annos.

Este anno porém, a quantia fora tão diminuta que elles não sabiam como arranjar. Só tinham planejado com as priminhas organizar um carnaval original. Entim, veriam depois o que se podia fazer. Assim entraram na igreja e, ao terminar a missa, dirigiram-se à capela da

Virgem Dolorosa para ainda rezar um pouco, quando avisaram deante do altar, um homem de joelhos e poderam ouvir de seus labios estas palavras: — Oh! vós que sois Mai ajudai-me, eu nada mereço mas minha mulher e minha filhinha não tem o que comer. — Era como um grito de um coração angustiado. As moças discretamente se retiraram para um outro lugar e o homem retirou se. Era João. Lydia murmurou ao ouvido da irmã, Vamos afaz deelle; talvez lhe possamos acudir. Porem, quando chegaram á rua não o ayistaram mais.

— Que pena, disse Sylvia comovida, parecia que elle estava chorando.

— Tambem, não é para menos, respondeu Lydia, si a familia não tem o que comer.

— Que contraste, nós a planejarmos como gastar o nosso dinheiro em carnaval e ahi um que não tem que comer.

— Mas para onde iria? Vamos ao mercado; talvez esteja lá. Sim vamos.

## III

A primeira pessoa que avisaram ao chegar ao mercado foi João.

Chegando-se mais perto dele puderam ouvir como conversava com um conhecido, ao qual contava sua desventura. Uma grave doença de sua mulher absorvera suas economias e agora não tinha trabalho. Que morava em outra rua num unico quarto, por não poder pagar mais o aluguel e assim por deante. Que estava ali com o seu carrinho para ver se conseguia ao menos um carro.

# PHOTOGRAPHIA MODELO

## J. Magalhães

PROPRIETARIO DESSA PHOTOGRAPHIA TEM O PRAZER DE OFFERECER AO DISTINCTO PUBLICO DESTA CIDADE, OS SEUS SERVIÇOS PHOTOGRAPHICOS GARANTINDO QUE EXECUTARÁ QUALQUER TRABALHO QUE LHE FOR CONFIADO, COM PRESTEZA, CUIDADO E ASSEIO PARA O QUE DISPÕE DE LONGA PRATICA.

TRABALHOS NITIDOS, EXPRESSIVOS E INALTERAVEIS POR PROCESSOS MODERNISSIMOS

PRODUZ COLORIDOS E AMPLIAÇÕES EM TODOS OS TAMANHOS

PER COS CONVIDATIVOS

# FLOR DE LIZ

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

DA AÇÃO SOCIAL CATHÓLICA FEMININA. \*\*\* OFICINAS GRÁFICAS D'Ô RIO DO PEIXE.

ANNO IV

CAJAZEIRAS—PARAHYBA, MARÇO DE 1930

Num. 3

## Um Pacífico

*Ernest Hello, o inimitável polígrapo francês do século XIX, no prefácio do seu encantador PHYSIONOMIES DES SAINTS, apresenta-nos os santos como os PACÍFICOS de quem precisamos falar neste século de barulho.*

*Do seio da nossa inquietação, do caos das agoniás interiores das nossas almas de modernos partem os anseios por uma situação melhor.*

*Vivemos atormentados por este JAZZ-BAND ensurdecedor de apitos, de helices e toda esta nevrose de actividade que constitui o decantado progresso do século XX.*

*Debatemo-nos nas angustias de um desequilíbrio de forças que buscam um centro de gravitação.*

*Reclamam paz. Paz para a sensibilidade. Paz para a alma. Precisamos, então, falar dos pacíficos. Para imitá-los.*

*Os pacíficos... homens de almas serenas como a superfície de um lago, de consciências brancas como os linhos dos altares. Os fugitivos das realidades acanhadas, das entidades ephemeras...*

*Por sobre o mundo visível elles alongam o olhar para os panoramas do Invisível. As riquezas do Absoluto faceinam-n'os.*

*E, embora, na terra, já vivem do céo. Limitado pelas contingências do presente, sua alma, no entanto, já esvoaça dentro do oceano sem praias da eternidade.*

*Imperturbáveis—porque não sentem o entre choque das realidades terra-a-terra. Calmos—porque são sobre-pairantes à lacanice da quantidade. Silenciosos—porque são surdos às vozes dos insensatos.*

*Essa figura do pacífico do santo de Deus—vamos encontrar personalizada neste tipo muito humano e muito divino de S. José.*

*Elle é o homem do silêncio. O silêncio é a sua linguagem; seu gênio; elle inspira silêncio. Em derredor d'elle tudo é silêncio. Tudo é por.*

*A Bíblia respeitou-lhe o silêncio. Delle nada nos diz a não ser aquelle vir justus, elogio tão expressivo quanto commedido.*

*Juslo, na linguagem evangélica, não é o homem que, apenas, pratica a virtude da justiça. Não E' o varão perfeito nimbado por esta expressão de consumada integridade moral que transparece nos gestos de João Baptista ou no semblante do Discípulo Amado.*

*S. José é o varão justo. E tão somente justo. Dessa forma não se lhe melindrara o heróismo da seu silêncio que se soube conter niquilos parer tão conseqüência de sua vida, numa circunstância em que todo homem se julga obrigado a falar. JOSEPH AUTEM TACEBAT.*

*A figura silenciosa desse santo católico que é o próprio Deus Ihesus como querendo fazer da geração cristã como o mais pacífico de todos os possíveis...*

# O LAR DO TERCEIRO

## O CAÇADOR DE RATOS

— Será possível? É o sr. mesmo, Frei Martinho?

— Em carne e osso, sr. Juca. Não podia vir à Bahia, sem lhe fazer uma visita.

— Obrigado, Frei Martinho, obrigado! Deixe que chame minha velha. O Mathilde! Mathilde... de! Anda depressa! Visita gratuita!

Momentos depois, a sra. Schmitt não manifestou menor alegria do que o marido. E foram perguntas pelas coisas da Parahyba e pelo Colégio Seráfico, onde o casal mantinha um menino pobre, pagando todas as despesas de sua formação para futuro franciscano.

Em seguida, foi Frei Martinho que se pôz a perguntar e que, com o geito que tem, em dois tempos ficou sabendo do estado religioso de toda a vizinhança, tendo visível prazer ao constatar a benefica influencia do casal, Terceiros modelares.

— Já se vê, sr. Schmitt, que não se esquece da terra de seus pais,—observou Frei Martinho com sorriso affável, apontando para um quadro da parede.—Até os contos de Grimm, em quadros, ficam-lhe na parede.

— V. Rev. se refere á silhueta do caçador de ratos? Pois, veja, Frei Martinho, pendurei o quadro não só por ser bonitito (sabe? é o Komischke), mas tive lá umas segundas intenções.

— Vejam só: intenções occultas num poço de sinceridade e franqueza, como é o Juca Schmitt, quem o feria pensado?

— Não preciso envergonhar-me destas intenções occultas, Frei Martinho; creio, até, que o senhor será o primeiro a dizer: bem feito!

— Pôde ser, mas fale claro, sr. Juca.

— A coisa é esta: Muitas vezes, vim gente que quer saber que quadro é este. Há dias, entrou uma mocinha, de cabellos cortados como os daquela rapazinho que está passando na rua; vestido curto, curtíssimo em cima e em baixo, que mal dava para uma boneca; braços desoidos; labios pintados que doiam á vista; toda ella tão besuntada de rouge e de satisfação de si mesma, que a Mathilde, passando um espião no quadro, me fez um signal. O espião veio effeto. A mocinha perguntou: «que quadro é este senhor Juca?», e expliquei: «você ouviu a historia do caçador de ratoeiras—A cidade de Hameln na terra de meus pais, where se conta de tantos ratos que empes-

favam a cidade. Ratoeiras, gatos, veneno, tudo quanto se inventava, era debalde. Appareceu, então, um tocador de flauta magica que se ofereceu para libertar a cidade da praga. Combinaram o preço; elle tocava, e os ratos todos, em fileira que parecia não acabar nunca, sahiram da cidade e foram exterminados.

— Mas, o quadro não traz ratos e sim crianças, sr. Juca! Como é isto?

— Espere, menina; já lhe digo. A gente de Hameln, sovina, não pagou; o caçador de ratos voltou e começou a tocar a flauta magica. Incontinente levantou-se o rebolço nas casas. Não houve creança que os pais conseguissem reter. Todas, seguiram o tocador de flauta, alegres, satisfeitas, como vê no quadro, cada qual querendo ser a primeira, umas levando os brinquedos: outras carregando ou puxando a maninha pequenina. Foram seguindo, seguindo, sahiram das portas, e não voltaram nunca mais...

A moça, a princípio impressionada, rompeu numa gostosa gargalhada:

— Historia! «seu» Juca! Historia enganada que, felizmente não se deu nunca.

— A menina está enganada,—respondeu— Não é historia ou conto da carochinha; trata-se de um facto real!

— O «seu» Juca tem cada uma,—disse a moça;—fala tão serio, como se fosse mesmo verdade.

— E é, menina!—tornei tão grave, que ella, amedrontada, perguntou:—Pois, se é digame onde foi.

— O caso deu-se no Brasil.

— No Brasil?

— Sim, e há muito pouco tempo.

— Impossivel «seu» Juca! Um caso destes, sem eu ter ouvido fallar?

— A menina ouviu fallar, mas não faz caso. Isto agora! eu que não sei de nada!

— A menina é até uma das que seguirão o tocador de flauta magica...

— Eu, sr. Juca? eu?!

— Expliquei veludo uma malvada que não tem as atenções do caçador de ratoeiras, tocou a flauta magica, e não tardou o rebolço nas casas. As meninas começaram a correr lá e daí das ménages, a malvada jocou de novo, e elles voltaram mas todas, continuando a soar a flauta, mas, uma vez pegaram na thesoura e

# FLOR DE LIZ

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

DA AÇÃO SOCIAL CATHOLICA FEMININA. \*\*\*\* OFICINAS GRAPHICAS D'«O RIO DO PEIXE».

ANNO I

Caldeiras - Paraíba, 19 de Março de 1927

NUM 4

## \* SI A TUA VIDA É CLARA... \*

**O**S OLHOS COM QUÉ O MUNDO VÊ AS MULHERES SÃO DE LYNCE E SÃO DE MVOPE OS DE MIRAR OS HOMENS. E AS MULHERES SÓ TÊM NISSO RAZÃO DE SOBEJO ORGULHO, PORQUE É UM PREMIO À VIRTUDE DA MAIORIA. NÃO TE PREOCUPE, POREM, O JULGAMENTO DO MUNDO. A HONRA, ESSA PALAVRA MAGICA QUE CANTA EM TODOS OS LABIOS, PODE MORAR EM ALMAS SUSPEITAS. DEPENDE DE MAIOR OU MENOR SAGACIDADE, DE MAIS OU MENOS INDUSTRIADA HYPOCRISIA.

AS MULHERES DETIDAS NO RIO, PELA POLICIA, DURANTE O CARNAVAL, SÃO SEM DUVIDA «SENHORAS HONRADAS» ROUSSEAU DIZ ISSO MELHOR DO QUE NÓS.

OS OLHOS QUE PODEM DIZER DE TUA HONRA SÃO UNICAMENTE OS DE TUA CONSCIENCIA QUE É A VOZ DE DEUS.

POR OUTRO LADO NÃO PERCAS A SERENIDADE PORQUE AS APPARENCIAS TE VENHAM A CONDEMNAR.

SI TUA ALMA É DE CHRYSAL, CANTA TUA MARTYRIO, CELEBRA TUA SOPRIMENTO, QUE SÃO A ESCADA DE TUA GLÓRIA.

JOSÉ, O PURO, PASSOU PELA MAIS DURA PROVA QUE PODE GOLPEAR UM CORAÇÃO HUMANO—A DUVIDA SOBRE A HONESTIDADE DE S'A SANTISSIMA ESPOSA QUE AS APPARENCIAS TORNAVAM REPROVA.

MAS TUA INJÚIA DE DEUS TEU VIVO DIZER A VERDADE, TU DESTE TEU VIVO NOME PÔDE JUÍVAR.

SI A TUA VIDA É CLARA, QUANDO AS APPARENCIAS TE INIMIGOS TE CULPARA, DIHE MANDARÁ O SEU ANJO QUE FARÁ DE TUA VIDA TUA DE TUA MEMORIA, O MARS TIMIDA ÁUREOLA DE PURA PAZ, PARA TUA VIDA E MORTAL.

# ..... OPTIMISMO .....

Nessa conjuntura em que a natureza lida, rejuvenesceu a Igreja, a quadra liberal, um come breu de alegria sacoleia os anjos ás borboletas azuis, douradas, brancas do campo.

O homem rude, retemperado de oxigenio, na esperança do germen broto ás camadas do sol exulta!

Que ameno o dia! que suave o viver!

A cidade esquece o flagelo do banditismo para dar ingresso à missão Rockefeller; as urnas sagram na magistral expressão do voto, um dos mais calorosos defensores do sentido e Momo, o ditador do riso, derroga a crise e impõe-se á monotonia.

Sertamente, não estará acaso, na pesquisa desses meteoros fulgurantes o nosso otimismo.

Elle resalta de um belliço mais duradoura, de um colorido mais intenso, de um cênia mais alegre, —nessas crinhas que crescem celares aos pares; passam risinhias, communicativas, e inúmeras, enchem as escorias. Ao nosso ver, escreveu o mais ardoroso exegeta do nosso idioma, a chave misteriosa das desgraças que nos afligem, é essa e só esta: a ignorância popular, mãe da servilidade e da miseria. Eis a grande ameaça contra a existência constitucional e livre da Nação; eis o formidável inimigo intissimo que se asyla das estranhas do país.

Para o veneno, volta furiosus e grande seu víen "da defesa nacional contra a ignorância" serviço a cuja frente incumbiu ao parlamento a missão de bolar-se, impondo intrinicamente à tibiaça dos nossos governos o cumprimento do seu supremo dever para com a pátria. Pertencendo ao continente americano, temos todo arreio a medida de acharmos nos compromissos fora do ambiente hispano-americano têm sido o excesso de reservação e grandeza da nova República do Brasil, que evitou deslocar-

Os patrícios, os pais (the fathers) da independência americana, como elles elixiram o re-conhecimento filial do povo, tinham a mais nítida intuição de que a cultura da alma humana, é o primeiro elemento, não só moral, como económico —político de um estado. Estas palavras do mestre inconfundi-

savel pelo cultivo da língua portuguesa, a estatística registra grande percentagem de analfabetos. A não ser em algumas unidades da federação, cresce anualmente o numero dos que não sabem ler.

Para a solução de tão magnifico problema, vemos com recatado desvaneecimento que Cajasturis marcha na vanguarda dessa eféze nacional contra a ignorância. E se desde as aulas públicas, para não faltar em outras, ao seu legendário e renomado colégio Pe. Rollini, já fomos certo certeza admisssivel que na terra de Macau Amurilhu, no reinado do obscurantismo, succeceu a aurora festiva das letras. Que dizer agora dessa pleia de jovens senhorões e senhorinhas, que sob a bandeira da fé católica criaram a nímosa Flor de Líz para grandes realizações de bellezas e conquistas femininas? Muito mais devemos confiar na ação desta que ja não é a antiga escrava do paganismo e sim a vitoriosa do voto feminino. As heroicas bíblicas edificam a historia do Christianismo, em os nossos dias, quando a dinastia dos Hohenzollern revolucionou o mundo, Guilherme II ficou sob a proteção de uma mulher.

J. Bonifacio



O preclaro Arcebispo de Fortaleza, o exmo. e revmo sr. d. Manoel da Silva Gómes, cujo aniversario natalicio passou no dia 14 ultimo por entre a grata alegria de seus jurisdicionados, pois o operoso prelado é portador de um dos nomes mais illustres no Episcopado Nacional. «A Flor de Líz» sauda-o, reverente e faz votos pela longevidade de s. exc. revma, para bem da Religião e do Ceará

vel, escriptas vão para mais de meio seculo, entretanto a ainda não actualidade demasiado apuradas.

Não mentem las, os mestres europeus de auctoritas, os eruditos e o despeito mesmo de sete Brasil de hoje a maior respon-

No dia de Natal, foi posta em circulação, em Cazarizas, mais uma benfeita revista de variedades, moldada nos mais solidos princípios da moral cristã.

Optimamente redigida, «Flor de Líz» tem um aspecto elegante e é de esperar que consiga merecer a aceitação do publico.

Das «Vozes de Petropolis», de 16 de fevereiro de 1927 n.º 4.

Mais um católico francês teve ingresso na Academia Francesa, na vaga de Maurice Barrès. Vaiu-se no insigne litterato Louis Bertrand.

desvistam a vestido, em baixo, cortaram em círculo e como a musica continuasse, encostaram na outra vez a tesoura; o vestido subiu até por cima dos joelhos, e de desceu até, nem ousou olhar. E a flauta a tocar, a tocar, e as meninas, pegando num escarlate arroxeados ou rubro sangrento, pintaram os labios; recorrem a outra tinta para darem equivoca pretidão aos olhos, vestiram meias que davam a illusão de as pernas estarem nuas, e foram por aqui em diante. Seguiram á malvada, e não voltaram, ate hoje, á modestia do lar christão.

A visitante deixou pender a cabeça, e disse, por fim:

— Sel de quem fala, «seu» Juca; mas, não acha que tenha, talvez, um tanto exagerado?

— Exaggerado, menina? eu?.. O Mathilde, disse eu á mulher, — vá buscar «O Nordeste», que recebeu hontem.

Emquanto D. Mathilde foi, continuei:

— Oxalá fosse exagero o que eu disse, malvado! Inteligemente, eu nem disse metade da ledainha. Você, outro dia, não tomou parte nesse humilhante «concurso de belleza»?

— Humilhante, «seu» Juca? porque?

— Humilhante, sim, e dispendioso, como seu pae pulro dia se me queixou.

— Aqui está, Juca. — interrompeu D. Mathilde, dando-me «O Nordeste» de 3 de Janeiro pp.

— Pois verá, pequena, se eu disse demais. Você, é inutil negar, já andn com a cabeça virada por este novo concurso de belleza, instituido, para fins commerciales, pela «A Noite», de Rio. Ouça, pois, o que conta o melhor dia de Fortaleza, capital cujas senhoras, quasi sem excepção, vieram protestar pela imprensa, contra o attentado ao pudor, que é o tal concurso, enchendo os nomes, durante dias e dias e mais dias, columnas inteiras da imprensa:

«E, para que não julgue que ha exagero da nossa parte no verberar continuado desse concurso, que tem por fim a exhibição de corpos de moças de familia da nossa terra, vamos mostrar, com os proprios termos do regulamento de tal concurso, o quanto é elle revoluntamente condemnavel.

Eis o que diz o numero 7 desse regulamento: «Todas as concorrentes ficam sujeitas ás instruções e decisões do director do concurso». Número 25, parte final: «As concorrentes, não podem comparecer a festas ou ceremonias que não tenham sido incluidas no programma official, nem lhes sendo, outrossim, permitido conceder entrevistas ou tirar photographias, sem o previo assentimento da «A Noite». Número 26: «O Jury na escolha das concorrentes, deverá considerar a belleza do rosto, a perfeição do corpo pela harmonia das formas e as qualidades de encanto pessoal». Número 31: «As concorrentes, submeter se ás classificações que forem designados, nome de concorrentes Juri». AS PROVAS QUE PODEM SER FEITAS PRECISAS.

E, assim de evitár qualquer regula particular, no processo dessas PROVAS, o regulamento de publica no numero 31: «As concor-

rentes, deverão declarar POR ESCRIPTO e sob pena de desclassificação immediata, QUE SE SUBMETTEM A'S OBRIGAÇÕES E DEVERES DO CONCURSO».

Parece que das simples transcrições acima feitas está mais que patente que o que se deseja nesse hediondo concurso é mercantilizar a belleza da mulher em todo seu esplendor.

Não se permite ás concorrentes nem mesmo tirar um retrato sem ordem do jornal que está dirigindo o movimento, e exige-se dellas, por escrito, submeterem-se a todas as provas do concurso, provas essas que vão, desde o exame superficial do rosto até a meticulosa medida das formas do corpo, num desrespeito dos mais flagrantes ao pudor das donzelas e num attentado revoltante contra os sentimentos de dignidade e de respeito das famillas que permittirem, sejam as suas filhas submettidas a essa indecorosidade, nunca idealizada pelo paganismo.

Não, a familia cearense não dará as suas filhas para servirem de victimas imbelles nesse horrendo sacrificio da virtude e da pureza ao Moloch insaciavel da perversão dos costumes.»

Eu havia lido pausada e gravemente. Quando terminei, a moça, que não tinha gênero mau, mas apenas era uma cabecinha de vento, chorando, me disse:

— Não sabia de coisas tão feias, «seu» Schmitt. Deixe estar, hei de ser contra o concurso de belleza, como antes fui a favor; contra o concurso e... contra outras coisas; o señor vai ver.

\* \* \*

Terminada a narração, Frei Martinho, que tinha ouvido atento e sem perder uma palavra, levantou-se, deu um abraço apertado ao Schmitt e um aperto de mão a D. Mathilde, dizendo commovido:

— Dou lhes parabens, meus amigos. O seu caçador de ratos está virando apostolo, ou antes, são os amigos que, mais uma vez, sabem aproveitar tudo para se mostrarem bons Terceiros de São Francisco, não apenas na egreja e nas reuniões da fraternidade, mas em toda parte, onde se lhes oferece alguma occasião. Não disse eu sempre que a sua casa era verdadeiramente um lar de Terceiros?

Schmitt piscou os olhinhos e replicou: — Não lhe contei tudo ainda, Frei Martinho. O caçador de ratos tem mais historias destas, mas agora não lhe digo mais nada, porque são horas de almoçar, e o señor nos dará a honra de sentar se á nossa mesa.

Frei Martinho não quiz, mas esta vez a tenacidade do Schmitt foi maior que a sua e, assim, ficou sabendo de mais alguma coisa que um dia, talvez se divulgue nesta secção da revista «Orbe Seraphico».

FRANCISCO DE LINS.

## O banho de serenidade.

O homem não foi criado para viver só, mas para viver em sociedade, onde se encontram elementos bons e maus, onde se lhe apresentam dois caminhos a seguir e onde as incertezas, perturbações, e tentações, trazem contínuos embargos e às vezes, tristezas, porque não poderia permanecer firme, sem um conselho prudente, nem uma palavra consoladora, animosa e amiga, e sem estes auxílios enfraqueceria, e certamente tombaria com o peso das suas más inclinações.

- Mas, onde se encontrará este Cirineu? No seio da Igreja católica, é onde se formam essas almas generosas, capazes de suavizar os sofrimentos alheios, e transformar os próprios em gozo.

Como exemplo dessas criaturas caridosas podemos citar Elizabeth Leseur.

Esta mulher por vontade de Deus que tudo conhece veio a casar-se com um homem cujas crenças religiosas eram diversas das suas.

Mas ella sempre firme e esperançosa, trabalhava occultamente pela conversão do seu querido esposo, sem que elle nada percebesse.

Onde ella encontrou esta coragem trasquila e perseverante, não numha educação bem formada nos principios das regras christãs?

E hoje elle, freira da ordem de São Domingos quem está publicando os livros da sua vida, que são verdadeiros tesouros engrandecidos não só pelos seus exemplos mas também pela bella literatura que entram.

Ela sempre era muito humilde, procurava ocultar-se o mais possível ao contrário de muitas ou de maior parte das nossas autoras de hoje.

Que grande vida que passou essa e que é que deve ser essa elevada aos altos para fazer glória de Deus e que tanto prazer agrediu a todos.

## História de um coração

ELÓRA POSSÓLO

Elle era um pobre coração de criança,  
Tão nobre de esperança,  
Tão afectivo, generoso e leal..  
Um coração que fôra  
Educado na sombra protectora  
De um clúme, de um zelo maternal.

E para que? Para que fosse um dia  
Fazer feliz um outro que devia  
Equal lhe ser.  
Elle era um coração que tinha ainda  
Numa decura azul de tarde linda  
O sorriso de azul do amanhecer!

E que, nem o contacto a vida,  
E nem a realidade conhecida  
Deste mundo, puderam alterar,  
Mas que nas noites negras que trilhava  
Fulgia branco e branco as clareava  
Como clareja as noites o luar..

Elle era um louco coração,  
Coração de mulher ambicioso  
De affeição  
E ancioso  
De ser comprehendido e ser amado,  
De se dar, se expandir,  
E repartir  
Numa alegria generosa e pura,  
De afecto, de ternura,  
Todo o tesouro interior guardado!

Elle era um coração, a só riqueza  
O só orgulho e gloria,  
Com certeza,  
Da anonyma heroína dessa história.

Mas Deus, que do alto do céo acalentava  
O sonho de fazel-o Seu um dia,  
Chamou-o.. O coração se rebellava  
E por demais humano lhe fugia..

E rebelde lutou. O amor divino  
Foi, porém, vencedor!  
E eu sei de um fragil peito feminino  
Que hoje contém o Eterno Amor!

Devemos tomar a vida de Elizabeth para nossa guia. Sejamos corajosas e perseverantes como ella, e vivamos pelos seus exemplos alegres e cécer de fazer uma vida animada do

espírito de fé; ella pode tanto quanto o homem é capaz, e até mais; basta a t. operação da vontade.

GLOTH (EDS CÉLH)

# NOTAS ELEGANTES

## ANIVERSARIOS

### PIZERAM ANNOS - FEVEREIRO

Dia 22 - Clotilde Alves da Águia, jovem muito estimado no meio joazeirense.

### MARÇO



Dia 6. - Cel. Joaquim Peba, nome que jamais se apagará em Cajazeiras, pelos relevantes serviços que a ella tem prestado com sua fortuna acumulada honestamente e superiormente aplicada.

Dia 6. - O pequeno Cezar Pinheiro, filho do cel. Joaquim Pinheiro.

Dia 9. - A senhorinha Nazareth Licação de nossa sociedade, e a senhorinha Maria Bezzerra nossa querida leitora.

Dia 10. - Mrs. G. Coelho, terceirannista do Lyceu Parahybaño, e o sr. Alfredo Gomes, pharmaceutico em Conceição.

Dia 11. - O sr. J. Benitacio Moura, nosso distíctio collaborador.

Dia 12. - O sr. Jornal Barbosa, da firma Julio Barbosa Lima & Cia.

Dia 15. - O reumo. Pe. José Barbosa, recentemente nomeado vigario de Puerto, e o interessante Lacerda, filho do sr. Hildebrando Leal e d. Odilia Leal nos a direcção

Dia 16. - O sr. José Lacerda Gama, também nos a direcção e d. Maria Ranálha Brunet, veneranda señora do cel. José Brunet



O sr. J. Barbosa, da firma J. Barbosa Lima & Cia., cuj velório passou no dia 6



A senhorinha Adalgisa Mota, prof. do Instituto S. Luis e uma socia d. P. S. C. F. q. e festejou no dia 24 de Março.



O preclaro Arcebispo de Fortaleza, o Exmo. e Revmo. Sr. D. Manoel da Silva Gomes, cuja anniversario natalicio passou no dia 14 do corrente por entre as gratas alegrias dos seus diocesanos, pois o operoso



prelado é portador de um dos nomes mais illustres no Episcopado Nacional. A «Flor de Liz» sauda o reverente e faz votos pela longevidade de S. Exc. Revma, para bem da Religião e do Ceará.



Dr. Octecilio Jurema, graduado facultativo nesta cidade, cuja avocação passou no dia 9 do corrente.

Dia 20.—A senhorinha Nenê Brilho, da sociedade cratense.

Dia 22.—A senhorinha Annita Loureiro, alumna da Escola Normal, e o revmo. Pe. Emílio Lemos, digno vigário de Araripe.

Dia 25—O cel. Nicolau Loureiro.

D. Amélia Ponchet, esposa do sr. João Leitão.

Dia 26—D. Victoria Röhm, esposa do nosso talentoso collaborador, sr. José Benifacio de Moura.

Dia 30—A intelligente Judith, filhinha do cel. Sávio Assis e d. Nenê Assis, e a senhorinha Eupidia Galvão de nossa elite social.

Dia 31—O sr. Coleslino Ribeiro, funcionário da Fazenda Estadual.

#### NOTÍVIAS

São notíviás a senhorinha Esther Bezerra e Faustino Carvalho.

Concordaram-se em dias da semana passada os jovens Joaquim Carvalho e Vicentinha Costa. Parabéns.

**NASCIMENTOS** — Em dias do mes passado, foi o lar do dr. Francisco Carneiro e d. Aline Carneiro, enriquecido com o nascimento de uma mimosíssima creança. Muitas venturas.

\* \* \*

Luiz, é o nome que irá receber na pia baptismal, o filhinho do sr. Thomé Mendes Ribeiro, e d. Rosinha Mendes, secretaria da A. S. C. F.

\* \* \*

Está em festo o lar do sr. Timóteo Pereira e d. Amélia Pereira, com o nascimento de uma robusta creança. «Flor de Liz» envia parabéns.

**S**UMMAMENTE grata, por ter alcançado uma importantíssima graça, por intercessão da gloriosa Santa Therezinha do Menino Jesus, mandei celebrar uma missa pela sua maior glória.

Oma Terceira.

# O amor definido pela mulher

Madame D'Arconville, assim se manifestava sobre o amor: —Quanto às paixões, não se é amado pela razão de que se ama, simão porque se agrada. E a razão porque se ama é um não sei qué tão difícil de explicar, que vale mais convir de bôa fé em que se ama e se é amado sem se saber porque.

\*\*\*

Ninón de Lenclós, diz:—Os olhares são os primeiros bilhetes doces dos amantes.

\*\*\*

Madame de Sartory diz:—A gratidão faz as vezes nascer a amizade, nunca o amor. Nunca se fazem as pazes no amor sem que redobre a ternura.

\*\*\*

Madame de Sieux, diz:—As relações de amor ou de amizade não subsistem sem a delicadeza e as finas atenções. O

amante que ruge com a pessoa amada, merece ser esquecido sem remissão. O amigo que fala com excessiva dureza deve ser castigado severamente. Si os casados se detestam, as mais das vezes consiste na falta de atenções que reciprocamente têm e em estar obrigados a engolir os máus tratamentos. Amantes, séde pois, complacentes, attentos, observiosos, e sereis sempre amados. Maridos corrijam-se, si puderem e as mulheres os terão mais apreço e estimação.

\*\*\*

Madame de Lambert, diz:—A chama do amor se apaga quando já não tem nada que desejar, e o amor sem temores nem desejo, careca de alma.

\*\*\*

Madame de D'Arconeille diz:—Não se consegue a cura do amor por meio da ausência, si-

não, pelo contrario, por meio da presença do objecto amado: aquillo que se vê com frequencia não tem tanto prestígio.

\*\*\*

Madame de L'Espinasse diz:—A mulher que aceita presentes de um homem contrahe uma dívida que sempre paga com detimento da sua dignidade.

\*\*\*

Madame de Grieux diz:—Seria de desejar que nosso coração não passasse além do ponto aonde chegou o do homem que nos ama; pois não é tão facil conhecer se somos amadas. O amor nunca anda separado do desejo de agradar. No entanto o homem procura não desagradar á mulher que ama, não é possivel que deixe de estar cegamente apaixonado. Quando não é atencioso, não sente no peito a chama do amor.

## Os mandamentos do matrimônio

Aqui estão os mandamentos do matrimônio para quem de direito convier:

I—Não te cases por dinheiro, pois serás creado de tua mulher.

II—Não tenhas medo de casar-te com uma mulher que tivesse tido algumas paixões, tem a que possa tel-as...

III—Não consintas que ninguém, nenhum amigo se metta com os teus amores: escolhe tu sozinho uma mulher.

IV—Com excepção de doces e flores, não presenteis a tua noiva até o dia do casamento. Se lhe dás presentes valiosos, depois de casada não sabêrás o que pedir-te.

V—Não tenhas preocupações somente de que ella seja de bôa família.

VI—Cuidado com as estranhas paixões, como disse o campeão.

O que bebe agua em cabaca  
E se casa, em terra ilheia,  
Não sabe se a agua é clara  
Si a mulher é bôa.. ou feia..

VII—Não te cases com parente. O casamento tem muito de negocio e os negocios em familia são os peiores do mundo.

VIII—Busca para esposa uma mulher recatada, que não saia simão o necessário, e isto em companhia.

IX—Não ti cases simão quando vejas seguro contra as contingencias. Os males que vierem depois serão fatalidade, e poderás ensinar a tua mulher a sofrer contigo, como aniss de esforçar-te para fazê-la feliz.

X—Ao escolher a tua mulher esquece todos os temidos, menos o sentido comum.

Estes dez mandamentos resumem-se em dois: ama e feu proximo, obedece ao céus e, ai padres, não te casei.

## PARA AS CRIANÇAS

### O meu cavallinho

Quando eu era pequenino,  
Tinha um lindo cavallinho:  
—Inesquecivel presente  
Que me fiz o bom padrinho:

Castanho, estrella na testa,  
Pelos macios como arminho,  
Marehador de qualidade  
Era assim o cavallinho.

Romzia tanto nas estradas,  
Que causava admiração;  
Outro igual não conheci,  
Em toda comparação.

Tinha mesmo diferença  
Dos outros, o meu caetano,  
—Na belleza, na andadura,  
Nos pellos e no tamanho..

Era de facio..  
Um grimoso cavallinho,  
O presente do padrinho..

AMADEU GIANNINI

# O ROSARIO

(Continuação — IX)

ROMANCE DE FLORENCE L. BARCLAY

TRADUÇÃO DE MARIA EUGENIA CELSO

—Caro Dalmain, é preciso refugiar essa obsessão de presenças inverosímeis. Lembre-se que aquelas que nos amam profundamente, podem mesmo de longe, nos fazer sentir que o pensamento d'elles está proximo, sobretudo quando soffremos. Você não se deve esquecer si tem frequentemente a impressão de sentir-a proxima, pois, em minha alma e consciência, amigo, estou persuadido que o amor e o coração d'ella o acompanham por toda parte.

—Deus todo poderoso! exclamou Garth e, levantando-se, deu alguns passos ao acaso. O doutor segurou-o pelo braço; um passo mais e tropeçaria nos pés de Jane.

—Sente-se, Dalmain, e ouça-me. Vou tentar explicar-lhe minhas palavras; presle atenção mas não se agite. Estamos em face de um problema psychologico. Supponhamos a presença dos dois seres em questão. Compreenda uma coisa: o amor no homem cria o esquecimento de si-mesmo. Na mulher, pelo contrario, exaspera a consciencia de sua personalidade. Será ella tudo que esse que a ama imagina? Poderá contentar o totalmente não só nos dias presentes mas nos annos que se abrem no futuro? Quanto mais tiver por ella sido simples e esquecido de si-mesma, mais estes pensares a obsecarão.

O doutor olhou para os lados de Jane; juntara as mãos, o que lhe deu a entender que estava no bom caminho.

—Em seguida, meu amigo, continuou Brand, pelo que me disse, aprendi que *ella* não correspondia physicamente ao typo de mulher pelo qual você professava admiração. Quem sabe teve *ella* medo de, após certo tempo, cessar de agradar-lhe?

—Não, disse Garth em tom decisivo, neste caso *ella* me teria confiado suas apreensões. Eu logo a teria convencido. Sua suposição é indigna de minha bem-amada...

O vento soprava nas arvores, uma nuvem passou deante do sol. Os dois seres mergulhados na escuridão estremeceram num arrepio e ficaram silenciosos. Afinal o doutor rompeu o silêncio.

—Querido amigo, disse com uma vibração de profundo affecto na voz persuasiva, estou convencido, convencidíssimo de uma coisa: *ella* o ama! Talvez neste momento aspire com todas as forças de seu affecto, estar a seu lado! Consiga em dizer-me o nome d'ella, deixe-me procura-la e pedir-lhe a sua versão

sobre o que se passou. E se for como penso, permita que a traga aqui para provar seu arrependimento, sua ternura, seu amor.

—Nunca, bradou Garth num impeto, nunca enquanto me durar a vida! Não vê, que quando eu tinha vista, renome, alegria, tudo que se possa almejar em summa, não lhe pude conquistar a affeição, o que sentiria por mim hoje, deante da immensidão do meu infortunio, só poderia ser pena, comiseracão. Nunca lhe acceptarei a piedade. Si ha trez annos eu não passava aos olhos della de uma creança, agora não passaria de um aleijado, um cego digno apenas da esmola do seu dó. Si você tem razão, e ella realmente duvidou da fidelidade futura do meu sentimento, não está mais no meu poder desmentil-a pela minha fidelidade. Recusou-me porque não me achou digno. Prefiro que assim seja. Fiquemos nisto.

—Mas assim você continua na solidão, no isolamento... observou tristemente o doutor.

—Prefiro a solidão, afirmou a jovem voz de Garth, à desillusão. Escute ouço o primeiro signal do gongo. Margery se amofinará se fizermos esperar os pratos domingueiros,

Levantou-se, voltando os olhos sem olhar para o lado em que a paysagem se estendia a perder de vista.

—Ah! como conheço bem tudo isto! suspirou; quando aqui venho com miss Gray, ella me descreve o que vê e eu lhe revelo o que não pode ver. Tem muito gosto pela arte e por quasi tudo que me interessa.

Preciso pedir-lhe o braço, Brand, embora o caminho não seja ingreme. Não quero arriscar um tombo, ja levei uns dois ou trez terríveis e prometii a miss Gray ser prudente. O atalho não é muito aperitado, pode-se caminhar a dois de frente, trez alé se fosse preciso. É uma sorte terem concertado este trilho; não imagina como era difícil trepar aqui antigamente.

—Trez de frente, tem razão,

Deu um passo atras e, forçando Jane a levantar-se, metteu ella a mão gelada debaixo do braço esquerdo.

—Garth, continuou, tome o meu braço direito, de modo a poder servir-se de sua bengala com a mão direita. Assim.

E, atravez o bosque, naquelle placido domingo de verão, desceram elles a passos lentos, caminhando o doutor entre essas duas criaturas as quais tão ardente desejava

unir os corações magoados.

De repente Garth, prestando ouvidos, parou.

—Parece-me distinguir outro passo além do seu e do meu.

—Os bosques são como o coração cheios de echos — retrucou o doutor, si a gente se puser à escuta ouve tudo que quiser.

—Não nos atardemos então, replicou Garth, pois antigamente, quando eu chegava atrasado para o chá, Margery me castigava.

### OS CORAÇÕES SE ENCONTRAM NO ESCURO

—Ser-me-ha para sempre impossível, miss Gray, exprimir-lhe o que penso do que acaba de fazer por mim.

Garth estava de pé deante da janella encaracada da biblioteca. O sol da manhã entrava as golfadas. Uma nova apariência de força e animação emanava d'esse rapaz de alto e esbelto porte. Estendeu as mãos á enfermeira, mas antes para sublinhar as suas palavras de reconhecimento do que á espera de que seu gesto fosse acolhido.

—E eu que procurava a imaginar como passava a senhora o seu fim de semana perguntando-me quem podiam ser os seus amigos? Entretanto, durante todo esse tempo sozinha no quarto, os olhos vendados, a senhora passava por minha causa horas de verdadeiro sofrimento. Ah! a bondade que inspira semelhante accão está acima das palavras humanas. Mas, miss Gray não se sentiu um pouquinho culpada de impostura?

Era com effeito a sensação constantemente sentida pela pobre Jane e por isto respondeu humildemente:

—Sem duvida, mas todavia eu lhe dissera que não iria para muito longe. E meus amigos da vizinhança eram Simpson e Margery que me ajudaram quanto podiram. Aliás dizendo que partia, dizia uma verdade, pois o mundo onde reinam as trevas é bem outro do que o da luz...

—Ah! como tem razão! concordou Garth; é tão difícil a gente fazer comprehender aos outros a sensação de absoluta solidão que sentimos! Parecem elles vir de uma outra esphera e, depois de terem entrado em contacto connosco pela voz e o gesto de sympathia, para lá de subito voltarem, deixando-nos na immensa solidão da noite perpetua.

—Sim, respondeu a enfermeira, e a gente lhes receia a chegada porque a partida torna a escuridão mais profunda e mais completa a solidão.

—Ah! sentiu isto? Não me sentirei então mais tão só no reino das trevas; dir-me hei que tua amiga dedicada me veio visitar.

—Tive um riso tão moço e feliz que Jane sentiu latejar-lhe no coração tudo que continha de ternura maternal.

De pé deante de Garth abriu-lhe os braços num gesto de espera e de amor e, assim, a sorridente bêbada, falou:

—Senhor Dalmain, tenha muitas coisas a

dizer-lhe, mas antes de começar quero revelar-lhe a lição que aprendi no reino das trevas.

Depois, tendo consciencia de que a emoção que a sacudia lhe dava á voz vibrações que lembrariam talvez a Garth os accordes do Rosario, fez uma pausa e tornou num diapasão mais elevado, do qual, para personificar Rosemary, contrahira o habito.

—Senhor Dalmain, crejo ter aprendido que esta solidão, intoleravel para um só, poderia se transformar num paraizo para duas criaturas que se amassesem. A escuridão se tornaria para essas duas almas, em certas circunstâncias, um maravilhoso logar de reunião. Se eu amasse um homem que tivesse perdido a vista, gostaria de conservar a minha, afim de serem seus os meus olhos quando delles precisasse, mas tenho a certeza de que a luz muitas vezes me importunaria porque elle não a compartilharia e quando viesse a noite, teria presa em dizer-lhe: «Apaguemos as luzes, não deixemos entrar a claridade da lua e fiquemos sós na sombra tão doce e tão boa».

Enquanto Jane falava, Garth empallideceu e seus traços se endureceram. Depois uma reação lhe fez subir o sangue ao rosto que se coloriu até á raiz dos cabellos. Esquivava-se evidentemente á voz que dizia estas cousas... Com a mão direita procurava o cordel que o guiaria á sua poltrona.

—Miss Rosemary, respondeu, e ao som desta voz os braços abertos de Jane recahiram; é uma grande bondade de sua parte contiar-me todos os bellos pensamentos que lhe vieram no escuro. Mas espero que o homem que tem a ventura de lhe possuir o coração, ou que terá a felicidade de conquistá-lo, não seja um enfermo como eu. Será melhor para elle viver na luz do que pôr em prova a sua generosa dedicação. E, agora, abramos nossas cartas, rematou tacitando o cordel e indo até á poltrona.

Uma sensação de terror accordou, então, em Jane, a comprehensão do que fizera. Esquecera, totalmente a enfermeira, servindo-se da sua voz para despertar em Garth a idéa do que seria para elle o amor d'ella, Jane. Esquecera que aos olhos d'ella só a enfermeira estava em jogo e que esta enfermeira acabava de lhe dar uma prova talvez demasiada de devotamento. Comprehendeu que Garth conclua assaz justificadamente que ella acabava de lhe fazer uma declaração de... Jane sentiu-se entre Charybdes e Scylla, mas num segundo resolveu-se ao mergulho.

Veio sentar-se no seu lugar, do outro lado da mezincha, dizendo:

—Creio que foi a idéa d'aquelle ao qual acabava de alludir que me permitiu falar-lhe abertamente como o fiz. Por desgraça brigamos elle e eu... elle nem sequer sabe que estou aqui!

A secura de Garth desapareceu instantaneamente.

—Ah! miss Gray, disse com animação, que não me acha nem curiosa, nem estranha, mas tenho-me perguntado muita

ver se esse feliz mortal não existia nalgum lugar!

— Não o podemos chamar feliz agora, disse alegremente Rosemary, pelo menos no que diz respeito aos seus pensamentos para mim. Meu coração lhe pertence todo inteiro, mas elle recusa-se acreditar. Um malentendido levantou-se entre nós, e como foi por minha culpa, elle não quer me dar a possibilidade de uma explicação.

— Que tolice da parte d'elle! acudiu Garth. E estão noivos?

A enfermeira hesitou.

— Não... oficialmente não; mas é como se estivéssemos. Nem elle, nem eu poderíamos dar a ninguém a sobra siquer de um pensamento.

Garth sentiu que lhe tiravam um peso do peito. Desde algum tempo receiaava não ter sido muito direito para com ella e consigo próprio. A enfermeira tornara-se-lhe necessaria, mais que necessaria; indispensavel; por suas capacidades e dedicação conquistara um lugar á parte no seu reconhecimento. Suas relações eram deliciosas e a associação continua entre elles, um verdadeiro balsamo, e eis que o doutor Robbie tinha estabanadamente desmanchado este ideal equilíbrio. Garth um dia, só com elle, declarara que miss Gray era necessaria á sua felicidade, exprimindo a apprehensão em que vivia de que fosse chamada de um momento para outro pela directora do hospital a que pertencia.

— Temo que não a deixem ficar indefinidamente no mesmo lugar, mas talvez Deryck Brand nos obtenha uma exceção.

— Mande passejar a directora e o doutor Brand, responderá o douterzinho em tom deliberado, e se quizer tel-a aqui permanentemente, assegure-se da sua pessoa, casando-se com ella, meu rapaz; aposto que não o recusará.

E fôra assim que os grossos sapatos ferrados do doutor haviam pisado uma situação delicada. Garth, desde ahí, esforçava-se por afugentar esta idéa, sem conseguir-o. Começava a perceber que as attenções incessantes de miss Rosemary ultrapassavam o dever profissional e deviam ser inspiradas por um mais terno sentimento. Repellia obstinadamente a idéa que se lhe impunha ao espírito, tratando mentalmente o doutor Rob de imbecil e a si proprio de ralio e ridículo. Mas, apezar de tudo, tinha em presença de miss Rosemary a sensação de estar rodeado de uma vigilante atmosphera de amor. Certa noite mesmo encarou possibilidades mais positivas e lutou contra uma violenta tentação. Afinal de contas, porque não faria o que lhe sugerria o doutor? Porque não desposaria esta creatura tão encantadora, inteligente e dedicada? Conserval-a-lhe assim sempre junto d'elle. A outra o considerava «uma creanca». Esta talvez tivesse por elle sympathia. Que lhe ofereceria? Fortuna, posição social, uma casa principesca e um companionate. Que não lhe parecia desagradável. Mas, o temedor adeantou-se demais,

pela memória: «E a voz será sempre a de Jane; tu nunca viste os traços de Rosemary, tu nunca os verás. Poderás continuar a atribuir a voz aquella que adoras e, se casares com Rosemary, não deixarás de amar Jane». Mas Garth repeliu com horror a dubia alternativa e a batalha foi ganha.

A idéa porem de que a paz de coração da enfermeira por sua culpa talvez tivesse sido perturbada, o atormentava. Por isto teve real alívio sabendo que havia um homem na vida d'ella, embora o espicaçasse secreto ciu-me. E agora que a conhecia infeliz por causa do namorado, como o era elle por causa de Jane, subito impulso o levou a acabar para sempre com equivocos e falar a Rosemary com absoluta sinceridade.

— Miss Gray, disse-lhe inclinando-se para ella com o sorriso de franqueza juvenil que tantas mulheres haviam achado irresistivel commove-me muito á sua confiança e, quanto me sinta desajuzadamente ciumento do homem venturoso que lhe possue o coração, regozijo-me de que elle exista. Quero, pois, tambem, minha excellente amiga, dizer-lhe uma cousa, que nos toca a ambos, mas antes de o fazer peço-lhe que ponha a sua mão na minha afim de sellar a nossa amizade. A senhora que esteve no paiz das trevas deve comprehender o que significa um aperto de mão para quem não vê.

Garth estendeu a mão aberta por cima e toda sua atitude trahiu forte tensão interior.

— Não posso, senhor Dalmain, respondeu a enfermeira com uma voz um pouco tremula; queimei as mãos... oh! cousa sem importancia, um simples phosphoro nos dias em que estive céga.. Mas diga-me assim mesmo o que nos toca a ambos.

Garth retirou a mão apoiando-a no joelho.. Atirou para traz o corpo, conservando o rosto levantado, e havia nesse rosto uma expressão tão pura, a exaltação de um espírito pairando tão acima de todas as tentações inferiores, que os olhos de Jane se encheram de lagrimas ao contemplal-o. Só então comprehendeu o que o amor e o sofrimento haviam feito de Garth. Começou em voz baixa, falando sem se virar para os lados de Rosemary.

— Diga-me primeiro se elle lhe é muito caro.

Os olhos de Jane, pregados no resto bem amado, se illuminaram e a emoção de Jane tremiu na voz da enfermeira Rosemary.

— Elle é tudo para mim, respondeu simplesmente.

— E elle.. ama-a como mereceu ser amada?

Jane curvou-se, pousando os labios no ponto da mesa em que a mão de Garth se apoiara, respondendo depois a enfermeira:

— Amava-me mais do que eu merecia.

— Porque diz «amava» no passado? «A-ma» não é mais verdadeiro?

— Não, infelizmente, confessou a voz quebrada da enfermeira; receio ter perdido o seu amor graças ás minhas desconfianças e malentendidos.

— Nunca! declarou Garth, o verdadeiro amor não faiha nunca. Pode parecer morto algum tempo, enterrado mesmo, mas lá vem uma menhâ em que resuscita. Seu amigo sabe que a senhora reconhece o seu erro? insistiu com extrema doçura.

— Não, replicou dolorosamente a enfermeira, e nega-me a possibilidade de uma explicação em que eu lhe mostraria o mal que nos está fazendo a ambos a sua teimosia em não me querer ouvir.

— Pobre moçal disse Garth num tom cheio de sympathia, minha propria experiência foi tão tragica que posso compartilhar da dor dos que soffrem por affecto. Mas ouça meu conselho, miss Gray. Escreva a seu amigo uma confissão sem reticencias. Explique-lhe o acontecido. Todo homem que ama acaba acreditando. Comprehendel a-a. Espero somente que não chegue aqui como um pé de vento para arrebatal-a.

Jane sorriu através das lagrimas.

— Se elle me chamassem, senhor Dalmain, teria de partir logo, disse de mansinho.

— Quanto receio essa dia! continuou Garth. E sabe o que pensei, por vezes? Fez tanto por mim e occupa tão grande lugar na minha vida que pensei em recorrer a um meio extremo para conservar a sempre aqui. A senhora é tão digna de tudo que um homem pode dar!... E, como a uma criatura do seu quilate, eu não teria podido offerecer senão o melhor de mim-mesmo, quero que saiba o segredo do meu coração, onde tenho guardada uma imagem idolatrada. Todas as outras vão a pouco e pouco empallidecendo; cego, mal posso evocar o debuxo de tantos e tão lindos rostos que meu pincel reproduziu; todos se embaralham e se tornam indistintos.

Mas, louvado seja Deus, a imagem adorada se aclara à medida que se adensa a minha treva... Hia de acompanhar-me vida em fóra e na morte, creio, ainda estará commigo. A senhora disse «amava» falando do que lhe é caro, pois não sabe se elle mudou. Eu não posso dizer nem «amava» nem «amo», falando da bem-amada. Nunca me amou, mas eu a estremeço com tal ternura que nada mais poderei offerecer na vida a quem quer que seja. Si por egoismo me casasse, o semblante de minha mulher nada me seria... resplandecendo sempre o della na minha escuridão. Cara amiga, se ás vezes reza por mim, reza para que não commetta nunca a baixeza de offerecer a outra mulher o simulacro de união que seria um casamento commigo.

— Mas, interrogou miss Rosemary, ella que tudo podia ter, elle?

— Elle, garnei Garth, recusou tudo! Oh! Deus misericordioso, quem pode avaliar o que isto significa: parecer indigno de ser amado a quem se ama!

Garth deixou cair o rosto nas mãos com saudoso sussurro. Um silencio completo reino na biblioteca. De repente sacudiu a cabeça, por-se a falar rapidamente — Agora estou secando o que come-

Brand, mas nunca, salvo no dia em que estive só, com tal intensidade!.. Ah! miss Gray, não se mexa, mas olhe se não vê alguma cousa... Olhe á janella... Não posso convencer-me de que estamos sós... Enganam-me porque sou cégo! E entretanto, eu não me engano... tenho consciencia da presença da mulher que amo. Seus olhos estão detidos em mim com pena e dor. Condõe-se tanto de minha miseria que esse dó me envolve quasi como eu sonhara que seu amor me envolveria... Oh! Deus! Esta tão proxima que chega ser terrível, pois não a desejo perto de mim... preferiria que houvesse leguas entre nós... Será psychico? Ou é real?... Ou estarei enlouquecendo?... Miss Gray, a senhora não me mentiria, nenhuma influencia, nenhuma diabolica subtileza a decidiria a me enganar neste ponto. Olhe em derredor, eu lhe supplico e em nome de Deus, e diga-me: estamos sós, sózinhos? E, se não estamos, quem, então, está aqui além de nós dois?...

Jane ficara sentada, com os braços cruzados e o olhar apaixonado fixo na cabeça tão bella de Garth. Quando o viu exprimir o desejo de vel-a a mil leguas, cobriu o rosto com as mãos. Achavam-se tão perto que, extendendo o braço, Garth lhe poderia tocar nas grossas tranças. Mas Garth não se moveu e Jane permaneceu de rosto escondido.

O silencio durou um bom momento depois do apello de Garth. Por fim Jane levantou a cabeça.

— Não ha ninguem aqui, declarou com infinita brandura a enfermeira. Ninguem, senhor Dalmain, a não ser o senhor e eu...

#### A ESPOSA E MÃE

— Então, agradou-lhe o passeio? perguntou Garth a miss Gray.

Haviaiam saídos ambom pela primeira vez de automovel e igualmente pela primeira vez tomaram chá os dois juntos na biblioteca, pois o seu «fim de semana» na escuridão tinha valido á enfermeira Rosemary varios privilegios. Curvou-se e dispôz a chicara de Garth commodamente ao alcance de suas mãos, tocando-lhe levemente os dedos com o pires para guial-o.

— Tome as suas refeições commigo, disse elle num tom tão conciliante que equivalia quasi a uma caricia, e nenhum tropeço lhe sobrevirá á mesa. Não quer fiar se nos meus olhos?

— Fio-me nos seus olhos, respondeu Garth com um alegre sorriso, em todas as outras cousas. Ah! mas... estou me lembrando de uma importante missão que tenho a confrar-lhe, missão de que a ninguem mais no mundo encarregaria. Já vem cahindo a tarde miss Gray, eu temos ainda nós uma hora de liberdade!

Miss Rosemary olhou pela janella, consultando em seguida o relogio.

— Tomamos o chá muito cedo, disse elle gravemente, o passeio nos abriu o appetite. Ainda

ão são cinco horas e a tarde está radiante. O sol só se deitará às sete e meia.

— Então, a luz está esplendida, aílhou Garth. A senhora já tomou o seu chá? O sol dá por um instante na janella do meu studio. A senhora conhece o meu studio, lá em cima no ultimo andar, pois já me foi buscar uma vez os esboços do retrato de Lady Brand. Deve ter visto uma porção de telas empilhadas num canto, algumas intactas, outras como que iniciadas. Entre estas achará duas que desejo identificar antes de destruir. Fiz-me levar até lá outro dia por Simpson e, mandando-o embora, tentei sózinho reconhecer-as pelo tacto, mas perdi-me em meio a tantas. Não quis o auxilio de Simpson pois o assumpto d'esses dois trabalhos talvez o surprehendesse e o fizesse tagarellar, e acho curioso despertar a curiosidade de um creado. Não podia contar com Deryck, pois que conhecera o original d'esses retratos. Quando os pintei não pensava que outros olhos além dos meus os vissem jârnals. A minha cara é excellente secretaria e a unica pessoa a quem posso pedir este serviço. Consente em fazer o que lhe peço e... em fazê-lo já?

Miss Rosemary ergueu-se.

— Naturalmente, senhor Dalmain, estou aqui para ser-lhe útil como lhe convier.

Garth tirou do bolso uma chave deixando-a na mesa.

— Creio que as telas que desejo estão no canto mais afastado do studio, atraç de um biombo japonês. São grandes. Se as achar pesadas demais, junte-as de frente e mande Simpson carregá-las. Mas não o deixe só com esses quadros!

Miss Rosemary tomou a chave, indo depois ao piano, que abriu, e estendendo a Garth o cordel que o guilava da poltrona ao instrumento disse:

— Toque um pouco, senhor Dalmain, enquanto su estiver lá em cima. Mas diga-me antes uma cousa. Sabe quanto suas obras me interessam; quando eu encontrar as telas em questão deseja apenas que eu as identifique ou me permitte admirá-las à vontade na bôa luz do studio? Pôde fiar-se em mim para fazer exactamente o que deseja.

O artista, em Garth, não pôde resistir ao desejo de ver sua obra apreciada.

— Pôde observá-las quanto quizer, Miss Gray, nunca fiz nada de melhor, embora os tenha pintado de memoria. E, ou antes, era antigamente uma de minhas manias.

— Como hei de reconhecer-as? Informou-se miss Rosemary dirigindo-se para a porta, onde parou e esperou. A voz de Garth, já sentado ao piano e a tocar em surdina um acompanhamento, lhe chegou distintamente, quasi como um recitativo.

— Uma mulher e um homem, sós num andar. O escaninho mal esboçado. Ella em traia de festa, escuro e leve com uma renda clara no canto do decote. Chama-se... — A figura.

— Sim.

— Amesma "mulher", o mesmo scenario, mas desta vez o rapaz ausente, sente-se que é inúil pintá-lo, visível ou invisível, está ali para elle. Nos braços a mulher tem...

O acompanhamento calou-se e um silencio absoluto caiu sobre elles.

— uma creancinha. Chama-se: *A Mãe*.

Em seguida a musica recomeçou, mansa e lenta, e a porta se fechou sobre a enfermeira.

Jane subiu ao studio e olhou em derredor. Cada minucia na sua perfeição revelava Garth: a harmonia dos reposteiros, a nitidez dos espacos vazios e o grande conforto dos recantos arranjados com arte. Num cavalete uma pintura inacabada, paleta e pinçéis ao lado, como Garth os deixara na manhã fatal, trez mezes antes. De subito Jane arrancou-se a uma contemplação consciente que adiava de propósito uma provação que precisava afrontar.

Atraç do biombo amarello descubriu uma quantidade de telas amontoadas, mos-trando pelo atropello da desordem que mãos da cégo as havia remexido, tentando de balde arrumal-as. Com respeitosa ternura Jane apanhou as telas caídas no chão, alinhando-as a parede. Mas as telas procuradas não se achavam ali. Jane endireitou-se e, avistando num cantinho uma nova pilha, remexeu entre elles e achou as que viera buscar. Reconhecendo-as logo e carregando-as para diante da janella, face ao poente, onde havia melhor luz, sentou-se para examinal-as à vontade. A nobre silhueta de uma mulher era a primeira imagem a resaltar. Sim, a nobreza dominava, emanando da atitude, do rosto erguido, da extrema dignidade do modelo. A segunda impressão era de força, força de agir, de perseverar, de consolar. Só depois é que se atentava no semblante uma surpresa imprevista. O terceiro pensamento expresso no quadro era o do amor, do amor mais elevado, mais puro, e mais humano, entretanto. Esse amor estava escripto naquelle rosto. Não tinha beleza, mas á medida que o fitava mais as imperfeições se apagavam numa irresistivel attracção, e só se lhe via a pureza e a nobre simplicidade. Esse rosto irradiava luz, positivamente, essa luz mysteriosa da alma que lhe brilhava aos calmos olhos cinzentos que, por cima da cabeça do homem ajoelhado a seus pés, olhavam para alem do mar com a expressão de total abandono de mulher que nada mais tem a dar de si mesma. A ternura, a confiança, a compaixão pelo homem que abraçava os joelhos se fundiam numa infinita docileza, uma docileza milagrosa que transfigurava. Aquele illuminado rosto sem beleza prendia o olhar como um iman e o titilo «A Esposa» correva instinctivamente dos labios.

Jane não pôde um segundo duvidar que se estava vendo, mas, ó bondade divina, o que por o diferente da imagem que lhe traziam a expectativa. A expressão das olhos

cinzentos lhe tornou tão vivamente presentes as emoções do momento que ella assim viveu, quando a dilecta cabeça se lhe apoiara ao coração, que murmurou varias vezes: «Foi assim... foi assim. Eu devia estar assim».

E de repente, caiu de joelhos deante do quadro.

— Oh! meu Deus, será que eu estivesse assim? Foi assim que elle me viu? Oh! Garth! Garth! Ajuda-o, Senhor, a me compreender, a me perdoar!

As lagrimas lhe innundavam o rosto; teve de enxugal-as para examinar o outro quadro. Era o mesmo modelo, a mesma figura de mulher, mas tendo nos braços uma creancinha cuja morena cabeça se recostava no seio da mãe. A magestade do amor materno revistava-a de singular formosura, uma transfiguração de amor lhe idealisava o semblante extasiado: a esposa cumpría a sua missão e o sorriso de seus labios exprimia a mais ineffável das alegrias.

Um soluço sacudiu Jane da cabeça aos pés, soluço vindo das profundezas de seu ser ante a revelação do que podia ter sido:

— Oh! bem-amado, rogou baixinho, perdoa-me! Enganei-me. Confessarei meu erro e, com a graça de Deus, explico-o-ei. Mas, perdóa-me, perdóa-me!

Uma torrente de ternura a submergia. Achou afinal forças para se erguer e, encostando-se á janella, chorou perdidamente deante da gloria do pôr do sol. O céo, na limbris do horizonte, era de ouro e purpura, porém mais acima, á medida que o olhar subia, engolfava-se no azul puríssimo da altura, um azul immaterial, translucido, um azul sem fim e sem fundo... Os olhos de Jane perderam-se nesse azul e um sorriso de feliz antecipação lhe entreabriu os labios. Enxugou os olhos, fechou a janella, e, tomando cautelosamente as duas telas, voltou á bibliotheca.

— Como demorou, miss Gray! Estive a ponto de mandar Simpson ver se lhe tinha acontecido alguma cousa.

— Felizmente não mandou, pois Simpson me teria encontrado em pranto, o que seria humilhante para mim.

Garth estremeceu; o ouvido do artista tinha supreendido na entonação da enfermeira uma perfeita comprehensão de sua obra.

— Chorou? Porque?

— Porque estava encantada, deslumbrada, emocionadíssima. Essas telas são lindas, movem até o fundo da alma. Infinitamente pathéticos. Pois o artista soube tornar bella uma mulher feia.

Garth deu um salto, voltando desabridamente para a enfermeira.

— Como? Feia?... bradou num assomo indignado.

— Feia, sim, tornou calmamente miss Rosemary. O senhor, com certeza sabia que o mundo é esse. Assi é que está a maravilha. Embalou a tela com a dignidade de exposição, como se fosse a face de amor querido que

correcto. Vémol-a amada e amante, je bella por conseguinte, por este simples facto. E' o triunfo esplendido da arte!

Garth deixou-se cair na poltrona, as mãos juntas nos joelhos.

— E' o triunfo da verdade! Pintei o que vi.

— Pintou-lhe a alma, continuou miss Rosemary, e essa alma illuminou-lhe o rosto.

— E que lhe vi a alma, murmurou Garth com voz quasi imperceptivel, e esta visão foi tão radiosa que ainda aclara a minha noite.

Fez-se um silencio commovente. O crepusculo cahia. Por sua vez a enfermeira disse baixinho:

— Senhor Dalmain, tenho um pedido a fazer-lhe. Suplico-lhe que não destrua esses quadros!

— E' preciso destrui-los, retrucou elle levantando a cabeça, não podem correr o risco de serem vistos por pessoas que... conhecem a moça que pintei.

— Em todo caso ha uma pessoa que os deve ver, antes de serem destruidos.

— E é? interrogou Garth.  
A que foi seu modelo, respondeu corajosamente a enfermeira.

— Não, ella nunca os vará!

— Mas tem o direito de velos.

Qualquer causa no tom firme da insistencia impressionou Garth.

— E porque?

— Porque, vendo estes quadros, uma mu-

lher que se sabe feia teria a revelação de po-

der parecer bonita aos olhos de quem a ama.

Garth ficou longo tempo immovel. Repe-

tiu depois, interrogativamente:

— Uma mulher... que se sabe feia...

Havia espanto na sua voz e, sentindo-se tacitamente animada, a enfermeira continuou:

— Suppõe o senhor por um instante que o espejo d'esta moça a tenha reflectido com o aspecto que a tela lhe deu? Pode ter a certeza de que nunca, nunca se viu assim. Ella é esposa?

— Sim, afirmou tranquillamente Garth, depois de ligeira hesitação.

— E mãe?

— Não. Eu pintei o que podia ter sido... Miss Rosemary comprehendeu a censura.

— Caro senhor Dalmain, vejo que lhe devo parecer muito Presumpçosa com as minhas perguntas e conselhos, mas a culpa é do efecto que me produziram as admiraveis pinturas... Oh! sim, são admiraveis, admiraveis!

— Ah! respondeu Garth com a satisfação do artista bem comprehendido, eu as tinha um tanto esquecidas. Estão aqui? Tome-as, então, e seja bastante bondosa para m'as descrever.

Jane foi á janella, abriu-a respirou o ar profundo, fazendo mentalmente a Deus uma oração para que as forças não lhe faltasseem essa hora critica.

# VARIEDADES

## Pequenas réplicas

— Eu não tenho religião e passo muito bem.

— O meu cão e o meu porco também.

— O tempo da igreja passou.

— Mas recomeça sempre.

— Eu não acredito aquillo que não comprehendo.

— E' por isso que não acreditas em nada.

— Os Padres têm um bom ofício.

— Então porque não o aprendes?

— Não ha céu.

— Para os patifes, com certeza.

— Não ha inferno.

— De certo, para os bons.

— Ninguem voltou do inferno cá.

— Isso prova que se não sae de lá, mas não prova que se não entre para lá.

— No fim de contas, o que é preciso é viver.

— Enganas-te. Depois de tudo, o que é preciso é morrer.

— Eu não tenho fé.  
— Mas é uma razão para procurares.

## Pensamentos

Collocaes a vossa alma em estado de desejar sempre que haja uma vida futura, e não mais duvidareis della.

Rousseau.

«Não hesite em proclamar que essa indiferença religiosa, que coloca no mesmo pé de igualdade, a Religião divina e as religiões de invenção humana, para as envolver todas no mesmo scepticismo, é a blasphêmia que, mais ainda que os erros dos individuos e das famílias, atrai para a sociedade o castigo de Deus.»

Cardinal Mercier.

O homem que toma a vida a serio e emprega a sua actividade num fim generoso, eis o homem religioso; o homem frívolo superficial, sem alfa moralidade, eis o ímpio.

Renan

## POESIA

### MEZ DE MARIA

Festivo como o riso das crianças,  
desponha o mez de maio, alegrre e puro!  
Foge-se-nos da vida o pranto duro;  
fulgem luares, cantam esperanças.

Feito de luz e bemaventuranças,  
Sorrindo para o bom, para o perjuro,  
Vasa nas almas deste mundo escuro  
Myriades de estrelas e bonanças.

Um comb fulgido arrebol de risos  
nos corações em profusão derama  
toda ventura e paz dos paraísos.

E sobre a nossa vida, inflando alegria,  
ebrio de festa, resplandecendo em chama  
Verte alegria sobre a natureza.

ALCEU LIMA

(CORTE E ENVIE O COUPON ABAIXO)

### COUPON PARA PEDIDO DE ASSIGNATURA

ROGINHA MENDES TAVARES

Secretaria da FLOR DE LIZ, Rua Vidal de Negreiros, 140. Cajazeiras — Parahyba

Peco-lhe inscrever-me como assinante de FLOR DE LIZ por um anno, a começar em ..... de 193..... e a terminar em .....

para cujo pagamento encontrará annexa a importancia de 10\$000.

A carta com a importancia deve vir registrada com valor declarado.

ENDEREÇO

LOGAR

ESTADO

OBSEVAÇÕES

UNIVERSIDADE  
Centro de

B  
CALDAS N. S. - MUNICIPIO - PAMATUA



JOÃO DA SILVA SILVEIRA  
Pharmacia Popular

ELIXIR

NOGUEIRA SALSA  
CARROBA E GUAIACO  
IODURADO  
DEPURATIVO DO SANGUE



PREPARADO  
SOFORA

João da Silva Silveira  
PHARMACEUTICO CHIMICO  
PHARMACIA POPULAR  
PELOTAS

ELIXIR

DE  
NOGUEIRA SALSA.  
CARROBA E GUAIACO  
IODURADO  
depurativo do Sangue

Nº 163325450



PREPARADO  
SOFORA

João da Silva Silveira  
Pharmacia Popular  
PELOTAS

MARCA INVENTADA



MARCA REGISTRADA